

Sveučilište u Zagrebu  
Filozofski fakultet  
Odsjek za romanistiku

Diplomski rad

COLONIALISMO E RESISTÊNCIA EM *SAGRADA ESPERANÇA*,  
DE AGOSTINHO NETO

Ana Bešlić

Mentor: Dr.sc. Majda Bojić

Zagreb, ožujak 2017.



## ÍNDICE

1	INTRODUÇÃO.....	5
2	AGOSTINHO NETO – BIOGRAFIA .....	7
3	PERCURSO LITERÁRIO .....	9
4	SAGRADA ESPERANÇA .....	12
4.1	Colonialismo e resistência em Sagrada Esperança.....	12
5	TUDO NA TERRA É SOMBRA.....	15
6	AMANHECER VITAL.....	29
7	O CAMINHO DAS ESTRELAS .....	34
8	A VOZ IGUAL .....	44
9	CARACTERÍSTICAS DO ESTILO .....	48
10	LITERATURA DE COMBATE E VALORIZAÇÃO.....	54
11	CONCLUSÃO.....	58
12	BIBLIOGRAFIA E SITOGRAFIA.....	62



## 1 INTRODUÇÃO

Agostinho Neto era um dos mais importantes personagens políticos angolanos na segunda metade do Século XX. Nascido em Angola em 1922, partiu para Portugal em 1944 onde estudou medicina nas faculdades de Coimbra e de Lisboa. Durante a sua estadia em Portugal começa a sua participação nas atividades políticas, sociais e culturais relacionadas com a descoberta dos valores angolanos e por extensão africanos. Entre outros, são destacáveis as suas actividades dentro do Movimento dos Jovens Intelectuais de Angola que marcaram o início da sua atividade política. Várias vezes preso, nunca desistiu da sua luta pela libertação da sua pátria do sistema colonial português. Dentro dessa luta deve ser vista a sua actividade literária. Um dos mais importantes escritores da literatura angolana, Agostinho Neto colaborou durante a sua carreira com numerosas revistas nas quais eram publicados os seus ensaios sobre a situação angolana e a sua cultura, e também o seu conto *Náusea*. Na literatura mundial ele ficou mais lembrado pelos seus poemas nos quais contava a verdade sobre a exploração e os maus-tratos vividos sob o sistema colonial e nos quais ofereceu a visão dum futuro melhor ao seu povo.

Provavelmente o livro mais conhecido dele, *Sagrada Esperança*, oferece-nos cinquenta e um poemas escritos entre 1945 e 1960 nos quais Neto conta a história do seu povo e do povo africano. Neles, expondo os horrendos crimes dos colonizadores ao mundo, Neto luta para conseguir um futuro melhor para o seu povo e para todos os povos do mundo que sofreram o mesmo destino: um futuro de liberdade e igualdade para todos. Nestes poemas Neto apela à luta, consciente de que isto é o único modo de conseguir a desejada libertação e a independência de Angola. Escritos numa linguagem simples, com o ritmo tradicional da sociedade angolana, estes poemas encontraram o seu lugar na literatura angolana, continuando na linha da literatura oral tradicional.

Justamente pelo seu apelo à luta e o expresso desejo de mudança, esses poemas pertencem ao que Franz Fanon chama „literatura de combate“. Eles são usados como uma arma por Neto na sua luta pela independência de Angola. O objetivo desse trabalho é ver como o colonialismo e a resistência ao colonialismo são representados nos poemas da *Sagrada Esperança*.

Com o último poema do livro escrito em 1960, Neto mostrou que a sua arma não eram somente poemas. Neste ano começou a sua atividade dentro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Os seus esforços deram frutos em 1975, ano em que a

independência de Angola foi proclamada, justamente, por Neto que se tornou então no primeiro presidente desse país.

## 2 AGOSTINHO NETO – BIOGRAFIA

António Agostinho Neto nasceu a 17 de Setembro de 1922 em Kaxicane, concelho de Icolo e Bengo, Distrito de Luanda como filho de Agostinho Neto, catequista da Missão americana em Luanda e de Maria da Silva Neto, professora.

Frequentou a escola primária em Luanda onde aprendia a língua portuguesa, porém falava em kimbundu com os seus amigos. Em 1937 mudou-se para Luanda junto com a sua família. Foi lá que frequentou também os estudos secundários no Liceu Salvador Correia até 1944, quando partiu para Portugal onde se inscreveu na Faculdade de Medicina de Coimbra. Em Coimbra decidiu participar nas atividades sociais, políticas e culturais da secção de Coimbra da Casa dos Estudantes do Império, uma associação de estudantes chegados das colónias cujo objetivo era descobrir e valorizar as culturas dessas mesmas colónias. Desde 1947 foi incluído também no Movimento dos Jovens Intelectuais de Angola.<sup>1</sup> O lema do movimento era „Vamos Descobrir Angola“ e o seu objetivo era explorar tudo o que fosse relacionado com Angola: a sua história, a sua geografia, a sua cultura, procurando criar uma literatura verdadeiramente angolana.<sup>2</sup> Porque foi nesse tempo que em Angola, ainda sob o domínio português, despertou uma resistência ao colonialismo e as pessoas começaram a sonhar um país independente e livre.

Neto não parou com a sua atividade política quando em 1948 se mudou para Lisboa onde continuou os seus estudos, na Faculdade de Medicina de Lisboa.<sup>3</sup> Foi nessa cidade que conheceu a sua futura esposa Maria Eugénia. Os dois conheceram-se numa reunião de compatriotas de Angola na casa de Humberto Machado. Apesar da grande diferença de idade (Agostinho Neto tinha 27 e Maria Eugénia 16 anos de idade), os dois simpatizaram.<sup>4</sup> Casaram-se em 1958, no mesmo dia em que Neto obteve o seu diploma em medicina.

Durante esse tempo, entre 1948 e 1958, Neto ficou preso três vezes por causa das suas atividades políticas. Pela primeira vez ficou preso em 1950, quando recolhia assinaturas para

---

<sup>1</sup> Cf. *Biografia de Agostinho Neto*, Fundação Dr. António Agostinho Neto, disponível em: [http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=766&Itemid=230](http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=766&Itemid=230) (Acesso em: 20 de outubro de 2017)

<sup>2</sup> Cf. Patrick Chabal, “O contexto político e cultural da poesia de Agostinho Neto”, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda: Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p.68

<sup>3</sup> Cf. *Biografia de Agostinho Neto*, Fundação Dr. António Agostinho Neto, disponível em: [http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=766&Itemid=230](http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=766&Itemid=230) (Acesso em: 20 de outubro de 2017)

<sup>4</sup> Cf. Gerald M. Moser, „Um casal de escritores complementares: Agostinho e Eugénia Neto“, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda: Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, pp. 598- 599

a Conferência Mundial da Paz de Estocolmo. Ficou preso por três meses, mas a sua liberdade não durou muito porque foi preso novamente no ano seguinte. A terceira vez que ficou preso foi em 1955. Nessa altura Neto já era conhecido como um ativista político fora de Portugal. A sua detenção originou uma petição internacional pela sua libertação. Muitos intelectuais célebres assinaram esse documento, entre outros Jean- Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Esta petição ajudou a sua libertação em Julho de 1957.

Em 1958 Neto decidiu tomar parte no Movimento Anticolonialista (MAC). Junto com ele, outros patriotas, de outras colónias portuguesas, participaram nesse movimento, planeando uma ação revolucionária conjunta. No mesmo ano um outro acontecimento marcou a sua vida: o nascimento do seu filho, Mário Jorge. Pouco depois a família Neto decidiu regressar a Luanda, onde Neto começou o seu trabalho como médico. Aí continuou com o seu engajamento político dentro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), fundado em 1956, primeiro como chefe do MPLA do território angolano e desde 1960 como Presidente Honorário. Foi nesse ano que foi preso novamente e transferido para a prisão em Luanda. De novo a sua prisão originou manifestações pacíficas, desta vez na sua aldeia, que foram esmagadas pela polícia. Neto foi transferido, desta vez para uma prisão do Algarve em Portugal. Não ficou muito tempo lá, sendo pouco depois outra vez deportado, para o arquipélago de Cabo Verde. Em 1962 foi transferido novamente para a prisão do Aljube, em Portugal. Outra vez uma ação internacional foi organizada em prol da sua liberdade. O famoso jornal britânico “The Times” publicou manifestações contra o seu aprisionamento assinadas por intelectuais célebres, como Day Lewis, Doris Lessing, Basil Davidson e outros. Neto foi solto em 1963. Junto com a sua família foi obrigado a residir em Lisboa. Moraram aí até junho, quando decidiram fugir para Léopoldville (Kinhasa) onde o MPLA estabeleceu a sua sede Exterior. Nesse ano Neto foi eleito presidente desse movimento.

Em 1963, depois de ter sido expulso do Congo, a sede do movimento foi transferido para Brazaville. Neto mudou-se para lá com a sua esposa e com os seus dois filhos, Mário Jorge e Irene Alexandra. Viveram aí até 1968, altura em que se mudaram novamente, desta vez para Dar-es-Salaam. Voltaram a Angola em 1975, no ano em que Angola finalmente conseguiu a sua independência. Agostinho Neto foi proclamado o seu primeiro presidente. Exerceu esse cargo até ao seu último dia de vida. Morreu a 10 de Setembro de 1979.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Cf. *Biografia de Agostinho Neto*, Fundação Dr. António Agostinho Neto, disponível em: [http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=766&Itemid=230](http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=766&Itemid=230) (Acesso em: 20 de outubro de 2017)

### 3 PERCURSO LITERÁRIO

Agostinho Neto é lembrado como um dos maiores escritores angolanos, mais conhecido pelos seus poemas escritos entre 1945 e 1960<sup>6</sup> que mostram a sua preocupação com a cultura angolana, por extensão, africana, e também o seu desejo de denunciar os sofrimentos vividos numa sociedade colonizada.<sup>7</sup>

Os poemas eram primeiramente publicados em publicações periódicas. Assim, entre 1942 e 1944, alguns poemas foram publicados no jornal *O Estandarte (Natal do Mundo – Salvação; Da Oração; Mais Alto; Canto Congregacional)*.<sup>8</sup> Depois, os seus poemas apareceram também nas páginas da revista lisboeta *Mensagem*, lançada em 1951, cujos colaboradores eram os estudantes angolanos morando em Lisboa, dos quais Neto fez parte e que operavam sob o lema de “Vamos descobrir Angola” com o objetivo de estabelecerem uma literatura nacional, uma literatura realmente angolana.<sup>9</sup> O lançamento da revista marcava o início desse estabelecimento.<sup>10</sup> Nela, foram publicados poemas de Neto em que os valores e tradições africanas eram promovidos<sup>11</sup> e nos quais ele tratava as condições sociais dos angolanos, que, na altura, era uma sociedade colonizada.<sup>12</sup> Junto com a *Mensagem*, a revista *Cultura*, lançada em Luanda com os mesmos objetivos, publicou vários dos seus poemas. Textos seus foram também publicados nas revistas *Itinerário* e *Notícias de Bloqueio*.<sup>13</sup>

Em 1957 foi publicado o livro *Quatro poemas de Agostinho Neto*, uma “espécie de caderno poético de apresentação”, que foi seguido pela publicação em 1961, em Lisboa, do livro *Poemas*, , graças à Casa dos Estudantes do Império. Seguiram-se os livros *Com os olhos secos* e *Con occhi asciutti* publicados em 1963 que trouxeram um reconhecimento universal ao

---

<sup>6</sup> Pires Laranjeira, „Novo paradigma negro-africano“, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda: Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 155

<sup>7</sup> Cf. João Saraiva de Carvalho, „Agostinho Neto: um homem da sua época“, *ibid.*, p. 272

<sup>8</sup> „AGOSTINHO NETO E A GERAÇÃO LITERÁRIA DE 40\* Continuação“ (Capítulo do livro MÁRIO PINTO DE ANDRADE: um intelectual na política, coord. Inocência; Mata e Laura Padilha, Lisboa, edições colibri, 2000, pp.53-70),

disponível em: [http://www.nexus.ao/kandjimbo/pdfs/Neto\\_geracao\\_de40\\_continuacao.pdf](http://www.nexus.ao/kandjimbo/pdfs/Neto_geracao_de40_continuacao.pdf) (Acesso em: 20 de outubro de 2017)

<sup>9</sup> Cf. Nikica Talan, *Uvod u afričke književnosti portugalskog jezičnog izraza*, Zagreb: Leykam international d.o.o., 2015, p. 72

<sup>10</sup> Patrick Chabal, «O contexto político e cultural», 2014, p. 69

<sup>11</sup> A. M. Kazhanov, Os verdadeiros valores culturais de Agostinho Neto, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda: Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 745

<sup>12</sup> Pires Laranjeira, «Novo paradigma», 2014, p. 155

<sup>13</sup> António Agostinho Neto, União dos Escritores Angolanos, disponível em: <https://www.ueangola.com/bio-quem/item/746-ant%C3%B3nio-agostinho-neto> (Acesso em: 20 de outubro de 2017)

autor<sup>14</sup> e que precederam o seu mais famoso livro, publicado em 1974, sob o nome *Sagrada Esperança* e que foi o último livro publicado durante a sua vida.

Em 1982, a propósito do sexagésimo aniversário do nascimento de Agostinho Neto, o livro *A renúncia impossível – poemas inéditos* foi publicado<sup>15</sup>, intitulado a partir do poema com o mesmo título, escrito em 1949.<sup>16</sup> O livro foi o resultado das pesquisas de arquivo e escolha de Maria Eugénia Neto, a viúva do poeta, e de Dario de Melo, em colaboração com Antero de Abreu. O livro contém dezoito poemas, dos quais o poema *A renúncia impossível* ocupa mais de um terço do livro. O mesmo poema, junto com o poema *Abaixo a barbárie, viva a civilização* de João-Mário Vilanova, é considerado, como diz Pires Laranjeira, o maior libelo acusatório contra o colonialismo.<sup>17</sup>

Em 1998 foi publicado o livro *Agostinho Neto: Poesia*<sup>18</sup> com mais alguns poemas inéditos.<sup>19</sup>

Os poemas de Agostinho Neto encontram-se também representados em numerosas antologias, como, por exemplo: *Caderno da Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (Lisboa, 1953); *Antologia de Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (Paris, 1958); *Poetas Angolanos* (Lisboa, 1962); *Poetas e Contistas Africanos* (São Paulo, Brasil, 1963); *Introduction to African Literature* (Londres, 1967); *La poésie africaine d'expression portugaise* (Paris, Pierre-Jean Oswald, 1969); *Afrikansk Lyrik* (Estocolmo, 1971); *Poesia de la Negritud* (Madrid, 1972); *Poesia de Combate*, ed. do MPLA (Kalunga, Angola, 1974); *Poemas de Angola*, com prefácio de Jorge Amado (Editora Codecri, Brasil, 1975).<sup>20</sup>

Além dos poemas, Agostinho Neto escreveu o conto *Náusea*, publicado nos n.º 2 a 4 da revista

*Mensagem*, em 1952. A temática do conto é a mesma que encontramos nos seus poemas: a necessidade de libertar-se duma cultura alheia, duma cultura colonizadora.<sup>21</sup> Como nos seus

---

<sup>14</sup> Pires Laranjeira e Ana T. Rocha, »Introdução«, 2014, p. 16

<sup>15</sup> Pires Laranjeira, »A impossível renúncia de Agostinho Neto«, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda: Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 649

<sup>16</sup> Nikica Talan, »Uvod u afričke književnosti«, 2015, p. 86

<sup>17</sup> Cf. Pires Laranjeira, »A impossível renúncia«, 2014, pp. 649-650

<sup>18</sup> António Agostinho Neto, União dos Escritores Angolanos, disponível em: <https://www.ueangola.com/bio-quem/item/746-ant%C3%B3nio-agostinho-neto> (Acesso em: 20 de outubro de 2017)

<sup>19</sup> Pires Laranjeira, »Novo paradigma«, 2014, p. 159

<sup>20</sup> Manuel Simões, »Agostinho Neto: a poética de esperança«, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda: Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p.175

<sup>21</sup> Cf. Ana Cristina Moura Alves de Moraes, »O Mar Sob O Ponto de Vista de Agostinho Neto no Conto »Náusea«« União dos Escritores Angolanos, disponível em: <https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/229-o-mar-sob-o-ponto-de-vista-de-agostinho-neto-no-conto-n%C3%A1usea> (Acesso em: 22 de outubro de 2017)

poemas, Neto usa aqui uma linguagem simples que lhe permite “expressar a força da temática explorada de um modo subtil e raro na prosa angolana.”<sup>22</sup>

São conhecidos também os seus ensaios. Os primeiros textos desse tipo foram escritos antes da sua partida para Coimbra em 1947. Neles já se destacam ideias revoltosas, contra a situação vivida numa sociedade colonizada, ideias pré-revolucionárias.<sup>23</sup> Esses primeiros textos foram publicados nos jornais *O Estandarte* e *O Farolim*, mas, Neto colaborou, depois, com outros jornais e revistas. Assim, em 1940, publica *O Segredo de Viver*, e, em 1943, *As multidões esperam*, em *O Estandarte*.<sup>24</sup> Seguiram-se os textos: *A Nova Ordem Começa Em Casa* (1944), *A Paz que Esperamos* (1945), *Instrução ao Nativo* (*O Estandarte*, 1945), *Uma Causa Psicológica: a “Marcha para o Exterior”* (*O Farolim*, 1946), *Uma Necessidade* (*O Farolim*, 1946), *Da Vida Espiritual em Angola* (1949, *Meridiano*) *O Rumo da Literatura Negra* (Centro de Estudos Africanos, 1951), *A propósito de Keita Fodeba* (Angola, *Revista da Liga Africana*, 1953), *Introdução ao Colóquio sobre Poesia Angolana* (1959), todos marcantes no âmbito da história intelectual angolana.<sup>25</sup>

Outros textos nos quais ele expõe os seus pensamentos sobre a cultura angolana são *Sobre a União dos Escritores Angolanos*, de 1975; *Sobre a Literatura*, de 1977; *Sobre a Cultura Nacional*, *Sobre as Artes Plásticas* e *Sobre a Associação dos Escritores Afro-Asiáticos*, de 1979; *...Ainda o Meu Sonho...e Discursos sobre a Cultura Nacional*, publicado em 1985.<sup>26</sup>

Agostinho Neto ganhou vários prémios pela sua obra literária, como, por exemplo, o *Prémio LOTUS*, em 1970, e o *Prémio Nacional de Literatura*, em 1975. É considerado um dos grandes escritores de expressão portuguesa no mundo.<sup>27</sup>

---

<sup>22</sup> Ana T. Rocha, *Náusea, de Agostinho Neto*, Fundação Dr. António Agostinho Neto, disponível em: [http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=53&tmpl=component&format=raw&Itemid=242](http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=53&tmpl=component&format=raw&Itemid=242) (Acesso em: 22 de outubro de 2017)

<sup>23</sup> Pires Laranjeira, «Novo paradigma», 2014, p. 155

<sup>24</sup> Luis Kandjimbo, *Agostinho Neto: formação e ideário de um intelectual orgânico africano*, *Cultura Jornal Angolano de Artes e Letras*, 5 de Setembro de 2012, disponível em: <http://jornalcultura.sapo.ao/eco-de-angola/agostinho-neto-formacao-e-ideario-de-um-intelectual-organico-africano?page=0&area=text> (Acesso em: 23 de outubro de 2017)

<sup>25</sup> Cf. *Ibid.* e „AGOSTINHO NETO E A GERAÇÃO LITERÁRIA DE 40\* Continuação“ (Capítulo do livro MÁRIO PINTO DE ANDRADE: um intelectual na política, coord. Inocência; Mata e Laura Padilha, Lisboa, edições colibri, 2000, pp.53-70), disponível em: [http://www.nexus.ao/kandjimbo/pdfs/Neto\\_geracao\\_de40\\_continuacao.pdf](http://www.nexus.ao/kandjimbo/pdfs/Neto_geracao_de40_continuacao.pdf) (Acesso em: 20 de outubro de 2017)

<sup>26</sup> António Agostinho Neto, *União dos Escritores Angolanos*, disponível em: <https://www.ueangola.com/bio-quem/item/746-ant%C3%B3nio-agostinho-neto> (Acesso em: 20 de outubro de 2017)

<sup>27</sup> *Ibid.* (Acesso em: 20 de outubro de 2017)

#### 4 SAGRADA ESPERANÇA

*Sagrada Esperança* é uma coletânea de poemas escritos por Agostinho Neto entre 1945 e 1960, precisamente no período do tempo em que a consciência do ser angolano começou a despertar e quando a sua identidade nacional se começou a desenvolver. Trata-se de uma das obras literárias mais importantes da literatura angolana, tanto pela sua qualidade artística, quanto pelo facto de ter sido escrita pelo primeiro presidente do país.<sup>28</sup>

A coletânea foi primeiramente publicada em 1963, em Itália, sob o título *Con Occhi Asciutti* (Com os Olhos Secos) graças a Joyce Lussu, uma intelectual italiana. Esposa de Emilio Lussu, junto com quem participava na resistência contra o regime fascista italiano, ela viveu algum tempo em Portugal onde aprendeu a língua portuguesa. Foi aí que conheceu os poemas de Agostinho Neto, um escritor com idênticas convicções políticas. Foi graças ao esforço dela que os poemas foram traduzidos em italiano. Esta edição foi a segunda recolha de poemas de Neto publicada no mundo (a primeira foi publicada em 1961 sob o simples título de *Poemas*).<sup>29</sup> O livro continha vinte e oito poemas.

Seguiram-se as outras edições, como, por exemplo, a edição em servo-croata intitulada *Očiju bez suza* traduzida pelo Dragan Blagojević<sup>30</sup> e publicada em 1968 graças a Fernando da Costa Andrade, o conhecido escritor angolano, que viveu em exílio na Jugoslávia, e ainda a edição em inglês (*Sacred Hope*) publicada em 1974, em Dar-es-Salaam.<sup>31</sup>

A edição portuguesa foi publicada em 1974, juntamente com alguns poemas não publicados nas primeiras edições, constituindo uma coleção de cinquenta e um poemas no total.

##### 4.1 Colonialismo e resistência em Sagrada Esperança

Como salienta Pires Laranjeira, nesses poemas, Agostinho Neto conta aos leitores a história do seu povo e do seu país.<sup>32</sup> Juntamente com a história, o quotidiano do homem angolano, tal como o do africano, está representado nesses textos que serviram para despertar a consciência do povo ainda colonizado nesses tempos<sup>33</sup>. Na opinião de Luís Kandjimbo,

---

<sup>28</sup> Pires Laranjeira, «Novo paradigma», 2014, pp. 155 - 159

<sup>29</sup> Cf. Acácio Barradas, Primeiro livro e „caça às bruxas”, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 637- 638

<sup>30</sup> *Očiju bez suza*, Antonio Agostinho Neto, Beograd : Kultura, 1968

<sup>31</sup> Russel G. Hamilton, Agostinho Neto: um poeta nacionalista e nacional de alcance internacional, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 626

<sup>32</sup> Pires Laranjeira, «Novo paradigma», 2014, p. 158.

<sup>33</sup> Cf. Manuel Simões, «Agostinho Neto: a poética de esperança», 2014, p 195.

Neto usa os poemas para revelar a verdade sobre o espaço africano que está explorado pelos europeus<sup>34</sup>. Ele narra a violência, o racismo, a escravidão, a pobreza, a fome, a prostituição, o trabalho forçado e outras desgraças que foram coisas comuns nas suas vidas. Nas palavras de Pires Laranjeira, Neto desse modo assume o “papel de porta-voz” do seu povo<sup>35</sup>: dos pobres, dos analfabetos, dos intelectuais, dos homens, mulheres e crianças cuja vida nem era uma vida digna nessas condições. Ele fala sobre a verdade vedada e oculta. Os poemas dele são uma expressão do homem que está disposto lutar pela liberdade do seu povo. Eles não são somente palavras escritas: eles são uma arma. Uma arma que levanta os homens e os faz conscientes do seu poder - os faz atuar e lutar contra o inimigo comum por um futuro melhor. Além do seu povo, ele envia a sua mensagem a todos os povos do mundo, porque o seu objetivo é um futuro onde todos os homens sejam livres e iguais.

Na primeira parte deste trabalho, dividido em quatro capítulos, são descritos períodos diversos do passado de Angola: o passado colonial o os efeitos desse passado no presente, o presente em que o povo angolano, guiado por Neto, começa a sua luta pela independência e o futuro que traz liberdade e justiça para todos os que foram explorados durante o passado. Também é demonstrado como Neto representou estes períodos nos seus poemas. Os capítulos são intitulados pelos versos tirados dos poemas de *Sagrada Esperança*. Nesses poemas, na opinião de Manuel Lourenço, também podemos ver o desenvolvimento da consciência do povo angolano.

Assim, no capítulo intitulado “TUDO NA TERRA É SOMBRA” é explicado como nos seus poemas Agostinho Neto denuncia os problemas acumulados na sociedade angolana e por extensão na africana. Neste capítulo estão descritos os modos como a cultura e a identidade angolana (i.e. africana) foram esquecidas e desprezadas pelo povo africano. Como diz Manuel Lourenço no seu texto *O desenvolvimento da consciência em Sagrada Esperança*, durante o passado, graças à política colonizadora de exploração e de analfabetismo, o povo africano aceitou a ideia de que os seus valores e a sua cultura eram de menor valor do que a cultura e os valores europeus, ou seja do que os dos colonizadores. O sistema colonial começou a ser visto como o único possível, como insubstituível e a cultura do nativo como naturalmente inferior. O modo como o nativo se via a si próprio era proporcionado pelo colonizador e a consciência nacional era definida pelos mitos implantados pela administração portuguesa.

---

<sup>34</sup> Luís Kandjimbo, Agostinho Neto (1940-1960): os itinerários da identidade individual de um poeta angolano da geração literária de 40, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 47

<sup>35</sup> Pires Laranjeira, »Novo paradigma«, 2014, p. 160.

Assim, alienado da sua própria cultura, sem noção de ter uma identidade, o nativo sentia-se cada vez mais frustrado pela situação, ele era só um membro passivo da sociedade, sem ideia de que o controlo residia nas suas mãos. Neto usou as cores para representar esse estágio da história do seu povo. Assim, a escuridão da noite e as sombras são vistas como símbolo desse período.<sup>36</sup>

Os capítulos que se seguem, “AMANHECER VITAL” e “O CAMINHO DAS ESTRELAS”, descrevem o processo de desenvolvimento da consciência. Nestes capítulos são descritas as condições associadas ao despertar da consciência do nativo. Em primeiro lugar, os nativos agora começam a perceber de que, sim, existe a solução para os seus problemas. Esta solução é a luta pela independência, a revolução. Assim, a passividade do primeiro período é substituída pela consciência refletiva, onde os nativos se tornam conscientes das mentiras e mitos que prevaleceram no passado. Percebendo a verdade de que a independência é um objetivo alcançável, os nativos estão finalmente em condições de intervir na alteração da sua realidade.

E como símbolo poético do despertar dessa consciência é usado o termo contrário à escuridão, que é a luz.<sup>37</sup>

No oitavo capítulo, “A VOZ IGUAL”, é descrito o desejado futuro: um futuro melhor para o povo africano e para o mundo inteiro. Neste estágio de desenvolvimento da consciência, o homem é libertado do seu passado escravo e encontra-se agora em condições de criar um mundo melhor para todos. Um mundo onde não existam escravos nem donos. O homem nativo é agora, por fim, consciente de que ele não é inferior.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> Cf. Manuel Lourenço, O desenvolvimento da consciência em *Sagrada Esperança, A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, pp. 259- 263

<sup>37</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 263- 267

<sup>38</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 268

## 5 TUDO NA TERRA É SOMBRA

Através dos seus poemas Agostinho Neto fala sobre a verdadeira situação em África. O seu estado social, económico e político é revelado sem ornamentos. Já com o primeiro poema da coletânea, *Adeus à hora da largada*, Neto aponta claramente os problemas principais do seu país.

*Hoje*  
*somos as crianças nuas das sanzalas do mato*  
*os garotos sem escola a jogar a bola de trapos*  
*nos areias ao meio-dia*  
*somos nós mesmos*  
*os contratados a queimar vidas nos cafezais*  
*os homens negros ignorantes*  
*que devem respeitar o homem branco*  
*e temer o rico*  
*somos os teus filhos*  
*dos bairros de pretos*  
*além aonde não chega a luz eléctrica*  
*os homens bêbedos a cair*  
*abandonados ao ritmo dum batuque de morte*  
*teus filhos*  
*com fome*  
*com sede*  
*com vergonha de te chamarmos Mãe*  
*com medo de atravessar as ruas*  
*com medo dos homens*  
*nós mesmos*<sup>39</sup>

A discriminação, o desespero, os abusos, o analfabetismo, a fome, a exploração - tudo isto está registado nos poemas escritos no período crucial em que a consciência nacional estava a despertar. O foco principal dessa literatura era revelar esse estado devastador e incentivar os angolanos a lutar por tudo o que lhes pertence. Não só a lutar para o regresso da sua terra, mas também o regresso das suas vidas e da sua identidade africana, porque o presente cheio de miséria era o resultado da exploração secular de Angola por parte dos colonizadores portugueses, como se vê nos versos do poema *Noite*:

*Eu vivo*  
*nos bairros escuros do mundo*  
*sem luz, nem vida.*

---

<sup>39</sup> Excerto do poema „Adeus à hora da largada“, Agostinho Neto, *Sagrada Esperança: Poemas*, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 9.<sup>a</sup> edição, 1979, p. 35

*Vou pelas ruas*

...

*tropeçando na escravidão*

...

*São bairros de escravos*

*mundos de miséria*

*bairros escuros.*

...

*Ando aos trambolhões*

*pelas ruas sem luz.*

...

*pejadas de mística e terror*<sup>40</sup>

Os colonizadores portugueses chegaram em Angola em 1482.<sup>41</sup> Ivan Iveković explica no seu livro *Afrika u transformaciji: antikolonijalna i socijalna revolucija u bivšim portugalskim kolonijama* que, no início, as relações entre os portugueses e os indígenas eram iguais em direitos, mas que, com o passar dos anos, isto mudou. Os portugueses começaram a meter-se mais e mais nas relações das sociedades africanas que viveram ali antes da sua chegada. Apesar da resistência dos chefes das tribos e das batalhas levadas a cabo durante o século XVI e boa parte do século XVII, os portugueses conseguiram realizar o seu desejo de conquistar a terra. Deste modo o colonizador tomou posse, não só das terras ricas de minerais, mas também da população que foi caçada e depois vendida como escrava. Isto converteu-se num negócio tão lucrativo que no fim do século XVI o comércio de escravos era a fonte de lucro mais importante para os portugueses em África.

Luanda era mesmo o mercado de escravos maior em África. Quase quatro milhões de pessoas foram levadas de Angola, entre 1580 e 1836, como escravos para o Brasil ou para as Caraíbas ou algum outro lugar. As linhas de navegação entre o Brasil e os portos angolanos eram regularmente mantidas. Por causa das más condições de viagem muitas pessoas não sobreviveram. As más condições higiénicas, o tratamento ruim, a alimentação escassa, a viagem árdua - tudo isto causou a morte de 20 até 30 por cento das pessoas embarcadas. Juntamente com os que morreram, fugindo dos caçadores, ou durante o transporte, pressupõe-se que o número de escravos vivos, que foram vendidos no Brasil, era igual ao número dos

---

<sup>40</sup> Excerto do poema “Noite”, *ibidem*, p. 56

<sup>41</sup> Kamia Victor De Carvalho, Luciano Chianeque and Albertina Delgado, *Inequality in Angola*, p. 41, disponível em: [http://www.osisa.org/sites/default/files/sup\\_files/chapter\\_1\\_-\\_angola.pdf](http://www.osisa.org/sites/default/files/sup_files/chapter_1_-_angola.pdf) (Acesso em 17 de Agosto de 2017)

africanos mortos durante o processo de escravização.<sup>42</sup> Neto fala dos maus-tratos que os escravos sofreram nos poemas *Velho Negro* e *Confiança*:

*Vendido  
e transportado nas galeras  
vergado pelos homens  
linchado nas grandes cidades  
esbulhado até ao último tostão  
humilhado até ao pó  
sempre sempre vencido*

*Perdeu a pátria  
e a noção de ser*<sup>43</sup>

*John foi linchado  
o irmão chicoteado nas costas nuas  
a mulher amordaçada  
e o filho continuou ignorante*<sup>44</sup>

O cristianismo, a colonização e o comércio eram a base da política dos portugueses para conquistar Angola.<sup>45</sup>

O cristianismo, que deveria ser uma religião na qual todos os homens são considerados iguais, foi precisamente o elemento que facilitou a introdução da desigualdade e da aculturação na sociedade angolana. Os que aceitaram essa nova religião também ganharam uma posição nova e privilegiada entre os indígenas. Pelo contrário, os que permaneceram fieis às crenças tradicionais foram comparados com macacos pelos europeus.<sup>46</sup> Ainda assim todos os angolanos eram considerados inferiores aos brancos. A cristianização ajudou muito ao esquecimento e ao desprezo das tradições e da cultura dos povos nativos e assim, a sua identidade foi também esquecida e apagada. Claro que a venda das pessoas como escravos e a sua exportação não ajudou nada a preservação dessa identidade comum.

A língua, a cultura e a identidade do homem africano desapareciam pouco a pouco graças à crueldade do colonizador. As perguntas encontradas no poema *Na pele do tambor* demonstram essa perda:

---

<sup>42</sup> Cf. Ivan Iveković, Afrika u transformaciji: antikolonijalna i socijalna revolucija u bivšim portugalskim kolonijama, Centar CK SKH za idejno-teorijski rad "Vladimir Bakarić" u suradnji sa ČGP DELO, OOUR GLOBUS, Zagreb, 1984, p. 35

<sup>43</sup> Excerto do poema „Velho Negro“ em »*Sagrada Esperança: Poemas*«, 1979, p. 52

<sup>44</sup> Excerto do poema „Confiança“, *ibidem*, p. 67

<sup>45</sup> Kamia Victor De Carvalho, Luciano Chianeque and Albertina Delgado, *Inequality in Angola*, p. 41, disponível em: [http://www.osisa.org/sites/default/files/sup\\_files/chapter\\_1\\_-\\_angola.pdf](http://www.osisa.org/sites/default/files/sup_files/chapter_1_-_angola.pdf) (Acesso em 17 de Agosto de 2017)

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 44. (Acesso em 17 de Agosto de 2017)

*Onde estou eu? quem sou eu?*<sup>47</sup>

A escravidão foi proibida oficialmente no ano de 1836, mas continuou existindo na prática até 1878<sup>48</sup>, mas, mesmo com o seu fim, a exploração do homem negro continuou nos anos seguintes.

*O rosto retrata a alma  
amarfanhada pelo sofrimento*

*Nesta hora de pranto  
vespertina e ensanguentada  
Manuel  
o seu amor  
partiu para S. Tomé  
para lá do mar*<sup>49</sup>

Os versos acima mencionados são do poema *Partida para o contrato* no qual Neto conta a história de Manuel, um dos contratados que parte para São Tomé e que deixa a sua mulher em Angola.

O trabalho forçado foi o herdeiro da escravidão na África. Foi introduzido em 1899, depois da notória e famigerada partilha de África. Nas palavras de Iveković, esse tipo de trabalho converteu-se num outro modo de controlar e explorar o povo nativo africano pelo colonizador<sup>50</sup>. O primeiro artigo do *Regulamento do trabalho dos indígenas* de 1899 diz:

*“Todos os indígenas das províncias ultramarinas portuguesas são sujeitos a obrigação, moral e legal, de procurar adquirir pelo trabalho os meios que lhes faltem, de subsistir e de melhorar a própria condição social. Têm plena liberdade para escolher o modo de cumprir essa obrigação ; mas, se a não cumprem de modo algum, a auctoridade publica póde impor-lhes o seu cumprimento.”*<sup>51</sup>

Praticamente todos os homens adultos eram sujeitados a alguma forma de trabalho forçado por parte de autoridade local. Isto resultava num abuso total da população indígena. Desde o

---

<sup>47</sup> Excerto do poema “Na pele do tambor” em »*Sagrada Esperança: Poemas*«, 1979, p.88

<sup>48</sup> Ivan Iveković, »Afrika u transformaciji«, 1984, pp. 36-37

<sup>49</sup> Excerto do poema „Partida para o contrato” em »*Sagrada Esperança: Poemas*«, 1979, p.37

<sup>50</sup> Cf. Ivan Iveković, »Afrika u transformaciji«, 1984, pp. 39-47

<sup>51</sup> *Decreto 9 de Novembro de 1899, aprova o novo regulamento do trabalho*, p. 2, disponível em: <http://www.fd.unl.pt/anexos/investigacao/1427.pdf> (Acesso em 19 de Agosto de 2017)

momento em que deixavam o seu lar, muitos dos trabalhadores passavam o resto da sua vida trabalhando em condições desumanas<sup>52</sup>, como são descritas no poema *Civilização ocidental*:

*Depois as doze horas de trabalho escravo*

*Britar pedra  
acarretar pedra  
britar pedra  
acarretar pedra  
ao sol  
à chuva  
britar pedra  
acarretar pedra*

*A velhice vem cedo*

*Uma esteira nas noites escuras  
basta para ele morrer  
grato  
e de fome.<sup>53</sup>*

Esta forma de trabalho formava a base da política e da economia colonial portuguesa praticamente até ao fim da era colonial. Cada indígena que não cumpria a sua responsabilidade fiscal ou que não tinha uma fonte de renda estável podia ser submetido a trabalho forçado. Igualmente, cada indígena, em qualquer momento, podia ser obrigado a participar em projetos de interesse coletivo, como por exemplo na construção de estradas ou ferrovias, acrescenta Iveković.<sup>54</sup> Não surpreende, então, que as tecnologias ocidentais sejam consideradas como sinónimo da crueldade branca, como é exemplificado no poema *Comboio africano*:<sup>55</sup>

*Muitas vidas  
ensoparam a terra  
onde assenta os rails  
e se esmagam sob o peso da máquina<sup>56</sup>*

---

<sup>52</sup> Kamia Victor De Carvalho, Luciano Chianeque and Albertina Delgado, *Inequality in Angola*, p. 49, disponível em: [http://www.osisa.org/sites/default/files/sup\\_files/chapter\\_1\\_-\\_angola.pdf](http://www.osisa.org/sites/default/files/sup_files/chapter_1_-_angola.pdf) (Acesso em 17 de Agosto de 2017)

<sup>53</sup> Excerto do poema „Civilização ocidental“ em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 57

<sup>54</sup> Cf. Ivan Iveković, »Afrika u transformaciji«, 1984, p. 46

<sup>55</sup> Cf. Alexandre Pinheiro Torres, A poesia de Agostinho Neto: entre o espaço e o ser, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 252

<sup>56</sup> Excerto do poema „Comboio africano” em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 48

O negro ainda era apenas uma ferramenta, um instrumento, um objeto usado para cultivar a terra ou para a extração das matérias-primas. Como está escrito nos versos do poema *Noite*:

...  
*e os homens se confundiram  
com as coisas.*<sup>57</sup>

O mundo dos negros não se comparava com a Europa sorridente cujo luxo e riqueza chegava da África esgotada, assunto mencionado em *Na pele do tambor*:

*...europas sorridentes de farturas e turismo  
sobre a fertilização do suor negro  
nas áfricas envelhecidas pela vergonha de serem áfricas*<sup>58</sup>

*Até quando?*<sup>59</sup>

Isto é a pergunta feita pela esposa inominada de Manuel. Inominada, segundo João Saraiva de Carvalho, porque ela possivelmente representa todas as mulheres na mesma situação: separada do marido, dos filhos, obrigada a continuar a vida sozinha, lutando contra o quotidiano difícil.<sup>60</sup> Até quando? Pergunta feita por todos os homens africanos representando o desejo deles de mudar o mundo que os rodeia. Representando igualmente, na opinião de Manuel Simões, a urgência de fazê-lo melhor.<sup>61</sup>

A vida dos que ficavam em Angola não era muito melhor. Paralelamente à cristianização, os portugueses aplicavam uma assimilação seletiva. Os assimilados, apesar de ainda serem inferiores aos brancos, tinham mais direitos, melhores oportunidades de encontrar emprego, estavam livres de obrigação de cumprir trabalho forçado e recebiam uma melhor educação. De facto, poucos angolanos tinham a possibilidade de receber educação. No final da era colonial cerca de 85-90 por cento da população de Angola era analfabeta. O analfabetismo era especialmente comum entre as mulheres que no melhor dos casos tinham somente uma educação de quatro anos.<sup>62</sup> De que Neto era consciente desses problemas, mostram-no os versos de *Adeus à hora da largada* onde ele menciona os garotos que não receberam uma

---

<sup>57</sup> Excerto do poema “Noite”, *ibidem*, p. 56

<sup>58</sup> Excerto do poema “Na pele do tambor”, *ibidem*, p. 88

<sup>59</sup> Excerto do poema “Partida para o contrato”, *ibidem*, p. 37

<sup>60</sup> Cf. João Saraiva de Carvalho, «Agostinho Neto: um homem», 2014, p. 273

<sup>61</sup> Manuel Simões, «Agostinho Neto: a poética de esperança», 2014, p. 187

<sup>62</sup> Cf. Ivan Iveković, «Afrika u transformaciji», 1984, p. 46

educação e a pergunta feita ao seu amigo Mussunda, que era um dos analfabetos<sup>63</sup>, no poema que traz o seu nome, *Mussunda amigo*:

*os garotos sem escola a jogar a bola de trapos*<sup>64</sup>

*E escrevo versos que não entendes  
compreendes a minha angústia?*<sup>65</sup>

A assimilação, como a cristianização, facilitou a perda de valores e costumes tradicionais. O que também contribuiu foi o crescimento da população branca que estava exaurindo completamente a terra que antigamente pertencera ao homem africano.<sup>66</sup>

Nem com o passar do tempo, nem com a mudança de poder nada mudou para os Angolanos. Durante o Estado Novo o trabalho forçado continuou a ser praticado. Com o lançamento do “Regime do indigenato” os nativos eram sujeitos à legislação especial<sup>67</sup> e também eram obrigados a pagar o imposto adicional. Precisamente disso fala Neto no seu poema *Meia noite na quitanda*. Se não fosse pago, o imposto devia ser compensado por trabalho forçado. Mas se a pessoa já estivesse trabalhando como contratado, então o imposto devia ser pago pela respetiva mulher. E este é o caso da quitandeira e do seu filho cuja estória Neto conta.<sup>68</sup>

*Ela vende na quitanda à meia-noite  
que o filho  
está na estrada  
precisa de cem mil réis  
para pagar o imposto*<sup>69</sup>

*Meia noite na quitanda* mostra que os angolanos eram tratados como cidadãos de segunda classe no seu próprio país, tal como é revelado em versos de um outro poema:

*Esgotaram-se os sorrisos  
com que chorava  
eu já não choro.*

*E aí vão as minhas esperanças  
como foi o sangue dos meus filhos*

---

<sup>63</sup> Donald Burness, Agostinho Neto e a poesia de combate, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 230

<sup>64</sup> Excerto do poema „Adeus à hora da largada“ em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 35

<sup>65</sup> Excerto do poema „Mussunda amigo“, *ibidem*, p. 80

<sup>66</sup> Cf. Ivan Iveković, »Afrika u transformaciji«, 1984, p. 42

<sup>67</sup> Cf. *Ibid.*, p.45

<sup>68</sup> Cf. Joyce Lussu, Nota, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 781

<sup>69</sup> Excerto do poema „Meia-noite na quitanda“ em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 53

*amassado no pó das estradas  
enterrado nas roças*

...

*Aí vão as laranjas  
como eu me ofereci ao álcool  
para me anestésias*

...

*Tudo tenho dado.*

*Até mesmo a minha dor  
e a poesia dos meus seios nus  
entreguei-as aos poetas.<sup>70</sup>*

Os versos da *Quitadeira* contam a história duma outra mulher anónima representada somente pelo título da sua profissão. De novo uma mulher inominada representa tantas outras na mesma situação, explicam Maria Teresa Marques e Maria Virgínia Melo. *Quitadeira* fala da amargura da sua vida. Segundo as autoras, os seus gritos demonstram claramente que o quem tem o poder é o branco - ele controla os seus destinos.<sup>71</sup>

*-Laranja, minha senhora  
laranjinha boa!*

...

*-Minha senhora  
laranja, laranjinha boa!*

...

*-Laranja, minha senhora!*

...

*-Compra laranjas  
minha senhora!<sup>72</sup>*

Estes versos deixam claro que a *quitadeira* pertence ao grupo de pessoas de condição degradada. Elas dependem da bondade dos brancos, dos senhores e senhoras. Seus gritos são um testemunho da agonia diária. *Compra laranjas!*<sup>73</sup>, o verso que termina o poema, resta como um eco de uma impotência completa.

---

<sup>70</sup> Excerto do poema “*Quitadeira*”, *ibidem*, pp. 50-51

<sup>71</sup> Cf. Maria Teresa Marques e Maria Virgínia Melo, Agostinho Neto: perfil de um poeta lutador, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 372

<sup>72</sup> Excerto do poema “*Quitadeira*”, em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, pp. 49-51

<sup>73</sup> Excerto do poema “*Quitadeira*”, *ibidem*, p. 51

Para anestesiar as dores da vida, muitos, incluindo a quitandeira, começaram a beber. O problema do alcoolismo é mencionado várias vezes na *Sagrada Esperança*, por exemplo nos poemas *Sábado nos musseques*, *Kinaxixi* e *Um aniversário*:

*Ansiedade*  
*sentida nos barulhos*  
*e no cheiro a bebidas alcoólicas*  
*espalhadas no ar*  
*com gritos de dor e alegria*  
*misturados em estranha orquestração*<sup>74</sup>

*Veria os passos fatigados*  
*dos servos de pais também servos*  
*buscando aqui amor ali glória*  
*além uma embriaguez em cada álcool!*<sup>75</sup>

*Fora do lar*  
*um ex-virtuoso amigo que se embriaga*  
*os nossos exportados para S. Tomé*  
*a prostituição*  
*a angústia geral*  
*a vergonha*<sup>76</sup>

Essa vida dura dos angolanos é descrita no poema *Sábado nos musseques* no qual Neto pormenorizadamente expõe o quotidiano angolano numa sequência de imagens:

*Ansiedade*  
*sentida nos barulhos*  
...

*Ansiedade*  
*no homem fardado*  
*alcançando outro homem*  
*que domina e leva aos pontapés*  
*e depois de ter feito escorrer sangue*  
*enche o peito de satisfação*  
*por ter maltratado um homem*

*Ansiedade no homem*

---

<sup>74</sup> Excerto do poema „Sábado nos musseques”, *ibidem*, p. 38

<sup>75</sup> Excerto do poema „Kinaxixi”, *ibidem*, p. 74

<sup>76</sup> Excerto do poema „Um aniversário”, *ibidem*, p. 76

*escondido em recanto escuro  
violando uma criança*

...

*Ansiedade  
nas mãos aos gritos  
à procura de filhos desaparecidos*

...

*Ansiedade  
nas salas de dança*

...<sup>77</sup>

Este poema mostra também que as ruas angolanas eram cheias de violência, de desespero, de medo, facto que é evidenciado também nos versos de *Desfile de sombras* e *O choro de África*:

*...a própria vida  
transformada em desespero...*<sup>78</sup>

*Lá vai ele  
o homem  
com olhos no chão.  
Vê-se-lhe o dorso sob a camisa rota  
e carrega o pesado fardo  
da ignorância e do temor.*

*Não grita seus anseios  
no receio de perturbar um mundo  
que o ofusca  
com o falso brilho dos seus ouropéis.*<sup>79</sup>

*O choro durante séculos  
...  
nos batuques choro de África  
nos sorrisos choro de África*

...

*mesmo na folha  
no fruto  
na agilidade da zebra*

---

<sup>77</sup> Excerto do poema „Sábado nos musseques”, *ibidem*, pp. 38-44

<sup>78</sup> Excerto do poema „Sábado nos musseques”, *ibidem*, p. 38

<sup>79</sup> Excerto do poema „Desfile de sombras”, *ibidem*, p. 62

...

*O choro de séculos  
inventados na servidão*

...

*O choro de séculos  
onde a verdade violentada se estiola ao círculo de ferro  
da desonesta força  
sacrificadora dos corpos cadaverizados  
inimiga da vida  
fechada em estreitos cérebros de máquina de contar  
na violência  
na violência  
na violência<sup>80</sup>*

Os angolanos eram roubados da sua cultura, identidade, liberdade e terra. Depois de séculos de persuasão, eles mesmos se começaram a ver como menos dignos. Como é mencionado no poema *Adeus à hora da largada*, eles sentiam vergonha das suas origens:

*abandonados ao ritmo dum batuque de morte  
teus filhos  
com fome  
com sede  
com vergonha de te chamarmos Mãe<sup>81</sup>*

Como explica Anabela Cunha no seu texto “*Processo dos 50*”: *memórias da luta clandestina pela independência de Angola*, a gravidade da situação foi reforçada pelo facto de que aos nativos, segundo a lei, não era permitido formar sindicatos, nem partidos políticos, como também lhes eram proibidas todas as ações que poderiam ser interpretadas como subversivas. Assim, a única coisa que lhes restava era sofrer em silêncio. Depois da Segunda Guerra Mundial, após vários séculos da colonização portuguesa em Angola, as coisas começaram lentamente a mudar. Apesar das proibições e restrições algumas organizações políticas, que apoiaram a ideia de luta pela independência do país, emergiram na cena. Ideias desse tipo eram espalhadas de forma oculta. Os panfletos para mobilizar o povo eram distribuídos de forma clandestina. O objetivo principal era revelar ao mundo a verdade sobre o sistema colonial que o governo mantinha em segredo. Com o objetivo de chegar ao fim da tal atividade e preservar o *status quo*, o governo instalou em Angola uma divisão da polícia

---

<sup>80</sup> Excerto do poema “O choro de África”, *ibidem*, pp. 119-120

<sup>81</sup> Excerto do poema „Adeus à hora da largada”, *ibidem*, p. 36

política - Polícia Internacional de Defesa Do Estado (PIDE). Os membros dessas organizações, junto com os seus colaboradores e familiares, eram presos pelos membros da PIDE. Os agentes secretos e informadores fizeram-se passar por patriotas ganhando assim as informações secretas que usavam para perturbar as ações políticas e simultaneamente semeando discórdia e desconfiança entre os patriotas. Desta forma, não sabendo em quem acreditar, a desconfiança crescia entre os nacionalistas. Além dos aprisionamentos, a PIDE efetuava vigilância sobre a população, especialmente sobre os suspeitos, que eram seguidos por todos os lados. Esta era uma outra causa do medo sentido entre o povo.<sup>82</sup> Muitos inocentes, como o homem cujas palavras lemos no poema *Assim clamava esgotado*, eram culpados por crimes que não fizeram. As detenções na maioria dos casos eram executadas durante a noite, como é descrito em *Crueldade*. Assim, segundo Manuel Simões, não é por acaso que Neto escolhe a noite como símbolo da violência e da miséria vividas em África.<sup>83</sup>

*Não direi nada  
nunca fiz nada contra a vossa pátria  
mas vós apunhalastes a nossa  
nunca conspirei nunca falei com amigos  
nem com as estrelas nem com os deuses  
nunca sonhei*<sup>84</sup>

*Todos perguntam por que foram presos  
ninguém o sabe  
e todos o sabem afinal  
...*

*Para banalizar um acontecimento  
quotidiano  
vindo no silêncio da noite  
do musseque Sambizanga  
-um bairro de pretos!*<sup>85</sup>

Neto também passou pela mesma experiência. Várias vezes preso, foi justamente nas prisões que escreveu muitos dos poemas publicados na *Sagrada Esperança: Poema, Um “bouquet” de rosas para ti, Dois anos de distância, Assim clamava esgotado, Aqui na cárcere, O izar da bandeira, Depressa, Havemos de voltar, Luta, Campos verdes, Desterro, Para enfeitar os*

---

<sup>82</sup> Cf. Anabela Cunha, “Processo dos 50”: memórias da luta clandestina pela independência de Angola, disponível em: <https://ras.revues.org/543> (Acesso em: 9 de Agosto de 2017)

<sup>83</sup> Manuel Simões, »Agostinho Neto: a poética de esperança«, 2014, p. 187

<sup>84</sup> Excerto do poema „Assim clamava esgotado” em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 112

<sup>85</sup> Excerto do poema „Crueldade”, *ibidem*, p.47

*teus cabelos.*<sup>86</sup> Em muitos desses (por exemplo *Noites de cárcere* ou *Assim clamava esgotado*) revela os maus-tratos e a tortura aos quais os prisioneiros eram sujeitos para descobrir informações sobre as ações revolucionárias:

*Ao lado  
alguém geme  
com os dedos debruçados de sangue  
que corre das unhas rebentadas pela palmatória*<sup>87</sup>

*não direi nada não sei nada  
mesmo que me espanquem  
não direi nada  
mesmo que me ofereçam riquezas  
não direi nada  
mesmo que a palmatória me esborrache os dedos  
não direi nada  
mesmo que me ofereçam a liberdade  
não direi nada mesmo que me apertam a mão  
não direi nada mesmo que me ameacem de morte  
Ah!*<sup>88</sup>

No poema *Dois anos de distância*, que dedica à sua esposa Maria Eugenia, Neto também fala sobre a censura exercida sobre as cartas dos prisioneiros escritas aos seus familiares.

*Nos silêncios  
estão as conversas que não tivemos  
os beijos não trocados  
e as palavras que não dissemos  
nas cartas censuradas*<sup>89</sup>

Além da tortura física, os prisioneiros sofriam por causa da separação dos seus entes queridos - que era, provavelmente, o maior sacrifício de todos. Assim, o poema, *Assim clamava esgotado*, conta a triste história dum pai que nem teve a oportunidade de despedir-se da sua filha que morreu durante o seu aprisionamento:

*No meu lar havia uma filhinha  
estrela brilhante no céu da minha pobreza  
ela morreu  
Vejo a grinalda branca da sua inocência*

---

<sup>86</sup> Ver »*Sagrada Esperança: Poemas*« – os dados estão escritos na forma de anotações no fim dos poemas

<sup>87</sup> Excerto do poema „Noites de cárcere”, em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 115

<sup>88</sup> Excerto do poema „Assim clamava esgotado”, *ibidem*, p. 112

<sup>89</sup> Excerto do poema “Dois anos de distância”, *ibidem*, p. 111

*arrastada nas águas sobre o seu corpo  
Ofélia negra neste rio podre da escravatura  
Ela morreu  
e quem lhe fará o funeral?  
e quem lhe pregará o caixão?  
quem lhe fará a cova?  
Quem lhe deitará terra sobre o leito eterno?*

*Enclausurado entre as quatro paredes  
sem luz  
sem ao menos ver a face morta da minha filha  
sofro a angústia das trevas<sup>90</sup>*

Neto não foi o único intelectual angolano enclausurado. O mesmo destino sofreu Carlos Ancieta Vieira Dias (conhecido também como Liceu Vieira Dias), membro do Ngola Ritmos, grupo musical fundada em 1947 que promovia as ideias nacionais executando canções escritas parcialmente em kimbundu, a língua nacional angolana, que foi um outro modo de ressuscitar a cultura autêntica angolana e de fortalecer os laços entre a cidade e o campo.<sup>91</sup> Os membros d' "O Movimento dos Novos Intelectuais de Angola", tal como os membros da "Liga Nacional Africana", duas organizações nacionais, foram também presos. Fernando J. B. Martinho notou que Neto menciona todos eles no poema *O içar da bandeira*<sup>92</sup>:

*Quando voltei  
as casuarinas tinham desaparecido da cidade*

*E também tu  
Amigo Liceu  
voz consoladora dos ritmos quentes da farra  
nas noites dos sábados infalíveis*

*Também tu  
harmonia sagrada e ancestral  
ressuscitada nos aromas sagrados do Ngola Ritmos*

*Também tu tinhas desaparecido  
e contigo*

---

<sup>90</sup> Excerto do poema „Assim clamava esgotado”, *ibidem*, pp. 112- 113

<sup>91</sup> Cf. Amanda Palomo Alves, *Angola: musicalidade, política e anticolonialismo (1950 - 1980)*, Revista Tempo e Argumento, disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180305102013373/2877> (Acesso em: 15 de Agosto em 2017)

<sup>92</sup> Fernando J. B. Martinho, Agostinho Neto, poeta, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 150

*os Intelectuais  
a Liga*<sup>93</sup>

A impotência sentida entre os angolanos, a miséria, o sofrimento, a pobreza, a exploração – tudo isto é descrito nos poemas de Neto. Como exemplos disso são aqui apresentados os versos dos poemas *Assim clamava esgotado* e *Sábado nos musseques*:

*e estas mãos que nada podem fazer  
contra as paredes  
contra esta maldita porta metálica  
contra estes homens armados cheios de medo  
contra a tortura*<sup>94</sup>

*Ansiedade encontrada  
no significado das coisas  
e dos seres*

*na lua cheia  
acesa em vez de candeeiros  
de iluminação pública  
que pobreza e luar  
casam bem*<sup>95</sup>

A escuridão, símbolo da violência e da miséria, tomava posse de África, como é evidente nos versos seguintes, retirados dos poemas *Desfile de sombras* e *Partida para o contrato*:

*Nunca vi o sol  
que tenho a recordar?*<sup>96</sup>

*Não há luz  
não há estrelas no céu escuro  
Tudo na terra é sombra*<sup>97</sup>

## 6 AMANHECER VITAL

*Cheguei no momento do cataclismo matinal  
em que o embrião rompe a terra humedecida pela chuva*

---

<sup>93</sup> Excerto do poema „O içar da bandeira” em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 121

<sup>94</sup> Excerto do poema „Assim clamava esgotado”, *ibidem*, p. 113

<sup>95</sup> Excerto do poema „Sábado nos musseques”, *ibidem*, p. 38

<sup>96</sup> Excerto do poema „Desfile de sombras”, *ibidem*, p. 61

<sup>97</sup> Excerto do poema „Partida para o contrato”, *ibidem*, p.37

*erguendo a planta resplandecente de cor e juventude*

*Cheguei para ver a ressurreição da semente  
a sinfonia dinâmica do crescimento da alegria nos homens*<sup>98</sup>

*Neste amanhecer vital  
para os acontecimentos extraordinários  
por montes e rios, por anharas e preconceitos  
caminhamos já vitoriosos  
sobre a condição moribunda*<sup>99</sup>

O elemento luz é um dos mais frequentes nos poemas da *Sagrada Esperança*. Como exemplo disso são apresentados os versos acima dos poemas *O içar da bandeira* e *A voz igual*. Segundo Manuel Simões, durante o passado, a luz sempre pertencia aos colonizadores,<sup>100</sup> aos europeus cujo mundo foi erguido em parte graças às riquezas da África. Este era um mundo melhor em que não havia lugar para os negros, para os africanos, como é evidenciado nos poemas *Crueldade* e *A voz igual*,

*Da cidade iluminada  
vêm gargalhadas  
numa displicência cruel*<sup>101</sup>

*com as suas mãos formidáveis e com os seus mortos  
deram ao brilho das metrópoles ouro e diamantes  
e das entranhas da terra mungiram óleos e faturas  
para os sorrisos ingratos*<sup>102</sup>

Mas depois de séculos de trevas, foi justamente a revolução que acendeu as luzes nos corações dos africanos. Assim, como a escuridão ficou como sinónimo do passado colonial, a luz se converteu num sinónimo de um futuro melhor. Por isso mesmo, quando Neto fala da revolução, ele usa expressões como *cataclismo matinal* ou *amanhecer vital*.<sup>103</sup>

---

<sup>98</sup> Excerto do poema „O içar da bandeira”, *ibidem*, pp. 121- 122

<sup>99</sup> Excerto do poema „A voz igual”, *ibidem*, p. 132

<sup>100</sup> Manuel Simões, »Agostinho Neto: a poética de esperança«, 2014, p. 187

<sup>101</sup> Excerto do poema „Crueldade”, em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 47

<sup>102</sup> Excerto do poema „A voz igual”, *ibidem*, p. 134

<sup>103</sup> Manuel Simões, »Agostinho Neto: a poética de esperança«, 2014, pp. 192-194

Outras imagens encontradas nos versos citados do poema *O içar da bandeira* são o surgimento da planta e a ressurreição da semente. Estas podem ser associadas com a primavera, uma outra palavra que Neto usa para descrever o futuro melhor.<sup>104</sup>

*O sabor amargo da primavera iminente  
Vem grávido de força  
vem cheio de desesperos  
e de frustrações  
e nenhuma derrota possível  
é capaz de destronar a força trazida  
no sabor amargo da primavera iminente*<sup>105</sup>

Como vemos, a primavera está presente nas plantas e flores mencionadas nos poemas *Um “bouquet” de rosas para ti* e *Havemos de voltar*, nos quais também podemos sentir o elemento luz que é o elemento essencial, não somente no processo natural da floração, mas igualmente na capacidade humana de ver as cores dessas mesmas flores.

*Um bouquet de rosas para ti  
- rosas vermelhas brancas  
amarelas azuis –  
rosas para o teu dia  
e Vida! – para o teu dia  
envolvo-os carinhosamente  
nas saudades fugazes  
dum curto inverno.*<sup>106</sup>

*À frescura da mulemba  
às nossas tradições  
aos ritmos e às fogueiras  
havemos de voltar*<sup>107</sup>

A luz também está presente nas fogueiras das tradições antigas que tornam a ser respeitadas e executadas pelo povo. O homem africano começa a conhecer-se a si mesmo. A sua identidade africana está a ser erguida de novo.

*Lá no horizonte  
o fogo*

---

<sup>104</sup> Cf.: Luís Kandjimbo, »Agostinho Neto (1940-1960): os itinerários« 2014, p. 43; Donald Burness, »Agostinho Neto e a poesia« 2014, p. 230

<sup>105</sup> Excerto do poema “Um “bouquet” de rosas para ti”, em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 109

<sup>106</sup> Excerto do poema “Um “bouquet” de rosas para ti”, *ibidem*, p. 110

<sup>107</sup> Excerto do poema „Havemos de voltar”, *ibidem*, p. 130

*e as silhuetas dos embondeiros  
de braços erguidos  
No ar o cheiro verde das palmeiras queimadas*

*Poesia africana*

*Na estrada  
A fila de carregadores bailundos  
gemendo sob o peso da crueira  
No quarto  
a mulatinha de olhos meigos  
retocando o rosto com rouge e pó-de –arroz  
A mulher debaixo dos panos fartos remexe as ancas  
Na cama o homem insone pensando  
em comprar garfos e facas para comer à mesa*

*No céu o reflexo do fogo  
e as silhuetas dos homens negros batucando  
de braços erguidos  
No ar a melodia quente das marimbas*

*Poesia africana*

*E na estrada os carregadores  
no quarto a mulatinha  
na cama o homem das marimbas*

*os braseiros consumindo  
consumindo  
a terra quente dos horizontes em fogo.<sup>108</sup>*

Como exemplo disso temos o poema *Para além da poesia* aqui transcrito na íntegra. Na interpretação de Janet Elizabeth Carter o poema pode ser dividido em duas partes. Na primeira, Neto fala outra vez sobre o período colonial. Isto é evidente pela imagem da *fila de carregadores bailundos / gemendo sob o peso da crueira*. O fogo está presente nas palmeiras queimadas e nos embondeiros cujos ramos estão erguidos como braços humanos. Janet Elizabeth Carter salienta que na África os incêndios são um fenómeno natural. Aparecem espontaneamente e são essenciais no processo cíclico de regeneração natural. Por causa da ausência dos elementos que indiquem o contrário, Carter acha que podemos supor que Neto descreve um incêndio desse tipo no poema.

---

<sup>108</sup> Poema “Para além da poesia”, *ibidem*, pp. 54-55

Na segunda parte do poema o fogo está novamente presente: *No céu o reflexo do fogo / e as silhuetas dos homens negros batucando / de braços erguidos*. O elemento humano, presente na primeira parte pela metáfora dos embondeiros, está aqui mais destacado: os homens dançam aos sons da música tradicional, também com os braços erguidos. O fogo aqui também tem uma função regenerativa: os braços erguidos e a dança indicam que esse poderia ser o fogo da revolução. A revolução positiva e frutificadora para o povo africano.<sup>109</sup>

---

<sup>109</sup> Cf. Janet Elizabeth Carter, O patriota como poeta: Agostinho Neto e a sua arte, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, pp. 353- 355

## 7 O CAMINHO DAS ESTRELAS

Já foi mencionado que depois da Segunda Guerra Mundial, organizações cujo objetivo era a independência do país foram fundadas (é preciso dizer que algumas organizações foram fundadas mais cedo, como, por exemplo, a Liga Nacional Africana (LNA)). Junto com o mencionado grupo musical Ngola Ritmos, vale a pena também mencionar o Centro de Estudos Africanos no âmbito da Casa dos Estudantes do Império no qual operaram muitos dos que depois participaram na luta pela independência.<sup>110</sup> Agostinho Neto foi um deles. Simultaneamente, em Luanda, a revista *Mensagem* foi lançada. O grupo dos intelectuais que foram responsáveis pela sua publicação foi guiado pelo lema “Vamos descobrir Angola”. O objeto da sua investigação era todo relacionado com Angola: a sua geografia, a sua literatura, a sua cultura, etc.

Este foi o busílis da questão. Depois de séculos de aniquilamento da cultura angolana (quer dizer africana) o povo estava pronto a retornar às raízes, particularmente os raros assimilados que no passado tinham rejeitado a sua cultura em favor da cultura europeia. Essa prontidão era sentida por Neto também. A prova disso são os seguintes versos do poema *À reconquista*:

*vem comigo África dos palcos ocidentais  
descobrir o mundo real  
onde os milhões se irmanam na mesma miséria  
atrás das fachadas de democracia de cristianismo de igualdade*<sup>111</sup>

O homem africano tornou-se consciente da mentira em que tinha vivido: que é menos valioso, que a sua cultura, a sua identidade e a sua tradição são menos valiosas, como se vê no poema *Consciencialização*. Ele estava finalmente decidido a tomar posse da sua vida e a lutar contra os abusos, contra a colonização.

*Acontece que eu  
homem humilde  
ainda mais humilde na pele negra  
me regresso África  
para mim  
com os olhos secos*<sup>112</sup>

---

<sup>110</sup> Cf. Ivan Iveković, »Afrika u transformaciji«, 1984, pp. 52- 53

<sup>111</sup> Excerto do poema „À reconquista“ em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 84

<sup>112</sup> Excerto do poema „Consciencialização“, *ibidem*, p. 75

O amor pela pátria substituiu a sensação de vergonha. Nos poemas de Neto está sempre presente uma nostalgia pelos velhos costumes. O objetivo que ele aspira, salienta Solange Luís, é uma “deportugalização e a reafrikanização” da sociedade.<sup>113</sup> Os exemplos disso são encontrados nos versos de *Havemos de voltar*, *A voz igual* e *Poema*:

*À bela pátria angolana  
nossa terra, nossa mãe  
havemos de voltar*

*Havemos de voltar  
À Angola libertada  
Angola independente*<sup>114</sup>

*falando nas nossas línguas a tradição da nossa terra  
harmonizando as vozes na hora da independência  
reconquistando o solo pátrio  
para o nosso homem*<sup>115</sup>

*Sim!*  
...  
*aos tambores  
apelando para o fio da ancestralidade*<sup>116</sup>

O homem africano despertou: ele não se calará mais. O seu objetivo era a independência. Mas não era tudo assim tão simples. Como indicado no capítulo anterior, a revolução foi o único modo de obter a liberdade de Portugal porque o colonizador não estava simplesmente disposto a desistir das suas “províncias” lucrativas. O próprio Neto estava consciente de que a luta era inevitável.

*espero pacientemente  
o acumular das nuvens  
ao sopro da História*

*Ninguém  
Impedirá a chuva.*<sup>117</sup>

---

<sup>113</sup> Solange Luís, Agostinho Neto's Sacred Hope: protest and revolt - the makings of a national culture, *Santa Barbara Portuguese Studies. Vol. 10 - As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (English and Spanish Edition)*, João Camilo dos Santos, Center for Portuguese Studies, Santa Barbara, 2008, p. 107

<sup>114</sup> Excerto do poema „Havemos de voltar“ em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, pp. 130- 131

<sup>115</sup> Excerto do poema „A voz igual“, *ibidem*, p. 135

<sup>116</sup> Excerto do poema „Poema“, *ibidem*, p. 100

<sup>117</sup> Excerto do poema „Aqui no cárcere“, *ibidem*, p. 118

A guerra, representada pela imagem da chuva nos versos citados acima, do poema *Aqui no cárcere*, era a única solução para os angolanos. As expressões e palavras relacionadas com forças e mudanças naturais simbolizaram, assim, a mudança necessária que chegará com a revolução. Após os anos da tirania, os oprimidos levantavam-se para defender o seu país. Os poemas *Depressa* e *Luta* demonstram que a violência era a única resposta possível.

*Inicie-se a acção vigorosa máscula inteligente  
Que responda dente por dente olho por olho  
homem por homem  
venha a acção vigorosa  
do exercito popular pela libertação dos homens  
venhem os furacões romper esta passividade*<sup>118</sup>

*E nova onda se levanta para a luta  
e ainda outra e outra  
até que da violência  
apenas reste o noso perdão*<sup>119</sup>

Em 1956 O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) foi fundado. No ano seguinte seguiu-se o estabelecimento do Movimento Anticolonialista em Paris que reunia os líderes dos movimentos libertadores em Angola, Moçambique e Guiné, e que, em 1960, evoluiu para a Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional (FRAN).<sup>120</sup>

A literatura, especialmente a poesia, era muito importante nesse período de tempo. Ela oferecia inspiração e encorajamento aos guerrilheiros na luta pela sua causa, realça Donald Burness.<sup>121</sup> Através dela a verdade sobre as colónias portuguesas era transmitida ao mundo. Ela contava a história do povo africano e ajudou a arrancar a máscara ao colonialismo. Na sociedade, na qual quase 90 por cento da população era analfabeta, os poemas e canções eram declamados e cantados e assim restavam na memória da gente. Patrick Chabal destaca, também, que a grande vantagem da poesia escrita era a sua semelhança com a poesia oral tradicional que era transmitida de igual modo.<sup>122</sup> Nas palavras de Nelson Cerqueira, os poemas eram como uma espécie de arma<sup>123</sup> porque despertavam as consciências africanas do

---

<sup>118</sup> Excerto do poema “Depressa”, *ibidem*, p. 126

<sup>119</sup> Excerto do poema „Luta”, *ibidem*, p. 128

<sup>120</sup> Cf. Ivan Iveković, »Afrika u transformaciji«, 1984, pp. 84- 85

<sup>121</sup> Donald Burness, »Agostinho Neto e a poesia« 2014, p. 237

<sup>122</sup> Cf. Patrick Chabal, »O contexto político e cultural«, 2014, p. 67- 68

<sup>123</sup> Nelson Cerqueira, O angolano Agostinho Neto como resposta ao conceito de poesia de Sartre, ”, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda: Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 613

pesadelo secular que era a sua vida. Os poemas encontradas na *Sagrada Esperança*, como, por exemplo, *Saudação*, *À reconquista* e *Consciencialização*, são um claro exemplo disso.

*Esta mensagem  
seja o elo que me ligue ao teu sofrer  
indissoluvelmente  
e te prenda ao meu Ideal*<sup>124</sup>

Neto usou os poemas como mensagens ao seu povo.

*Ninguém nos fará calar  
Ninguém nos poderá impedir*<sup>125</sup>

*A História está a ser contada  
de novo*<sup>126</sup>

Os poemas do Neto chegaram a todos os estratos sociais e ofereceram o conforto, o ideal, o futuro. Mas para isso era preciso lutar junto, como é evidente no poema *Campos verdes*:

*São as vozes em coro na impaciência  
buscando paz, a vida em cansaços seculares  
nos lábios soprando uma palavra: independência!*<sup>127</sup>

Como inspiração eram invocados os nomes dos antigos reis e rainhas (exemplificado pelos versos de *O içar da bandeira*) que também tinham sido obrigados a lutar contra os portugueses para defender a sua terra. Isto era uma nova forma de reviver as tradições africanas.<sup>128</sup> Ao lado disso, os símbolos da realeza parecem também mencionados nos poemas de Neto, como a mulemba, a árvore da realeza angolana, debaixo de cuja sombra se reuniam os chefes das tribos,<sup>129</sup> mencionada no poema *Havemos de voltar*.

*Os braços dos homens  
a coragem dos soldados  
os suspiros dos poetas  
Tudo todos tentavam erguer bem alto  
acima das lembranças dos heróis*

---

<sup>124</sup> Excerto do poema „Saudação”, *ibidem*, p. 72

<sup>125</sup> Excerto do poema „ À reconquista”, *ibidem*, p. 85

<sup>126</sup> Excerto do poema „Consciencialização”, *ibidem*, p. 75

<sup>127</sup> Excerto do poema „Campos verdes”, *ibidem*, p. 129

<sup>128</sup> Cf. Luís Kandjimbo, »Agostinho Neto (1940-1960): os itinerários« 2014, p. 43

<sup>129</sup> mulemba in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-09-09 23:37:10]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mulemba>

*Ngola Kiluanji*  
*Rainha Ginga*  
*Todos tentavam erguer bem alto*  
*a bandeira da independência*<sup>130</sup>

*À frescura da mulemba*  
*às nossas tradições*  
*aos ritmos e às fogueiras*  
*havemos de voltar*<sup>131</sup>

Neto chama o seu povo à luta nos numerosos poemas (por exemplo *Depressa*). Ninguém lutará em vez deles.

*Não esperemos os heróis*  
*sejamos nós os heróis*  
*unindo as nossas vozes e os nossos braços*  
*cada um no seu dever*  
*e defendamos palmo a palmo a nossa terra*  
*escorracemos o inimigo*  
*e cantemos numa luta viva e heróica*  
*desde já*  
*a independência real da nossa pátria*

*unindo as nossas vozes e os nossos braços / cada um no seu dever.*<sup>132</sup>

Neto não ficou do lado de fora dos acontecimentos. Os poemas não foram a sua única contribuição. Ele estava ativamente envolvido na luta. Aliás, ele mesmo fala sobre o seu desejo de participar na luta e de guiar o seu povo nos poemas *Adeus à hora da largada* e *Aspiração*:

*Eu já não espero*  
*sou aquele por quem se espera*<sup>133</sup>

*O meu Desejo*  
*transformando em Força*  
*inspirando as consciências desesperadas.*<sup>134</sup>

---

<sup>130</sup> Excerto do poema „O içar da bandeira“ em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, pp. 122- 123

<sup>131</sup> Excerto do poema “Havemos de voltar”, *ibidem*, p. 130

<sup>132</sup> Excerto do poema “Depressa”, *ibidem*, p. 127

<sup>133</sup> Excerto do poema “Adeus à hora da largada”, *ibidem*, p. 35

<sup>134</sup> Excerto do poema “Aspiração”, *ibidem*, p. 69

Ele luta não só pelo seu povo, mas por todos os africanos. O seu sonho é criar um mundo novo, um mundo melhor, de igualdade e mesmos direitos para todos: um mundo de possibilidades. Os seus poemas, *Saudação* e *Sangrantes e germinantes* entre outros, têm um ar de panafricanismo, diz Leonel Cosme, porque ele também “luta” pelos africanos nas Américas, na Europa, no mundo inteiro.<sup>135</sup>

*A ti, negro qualquer  
meu irmão do mesmo sangue  
Eu Saúdo!*<sup>136</sup>

*Pelo futuro eis os nossos olhos  
Pela paz eis as nossas vozes  
Pela paz eis as nossas mãos  
da África unida no amor.*<sup>137</sup>

Além disso, Neto chama à luta todo o mundo (esta preocupação sua com o mundo inteiro é evidente nos versos dos poemas *Um aniversário*, *À reconquista*, *Sangrantes e germinantes* e *Desterro*). Todos os povos oprimidos devem lutar juntos, lado a lado. Não só na África, nem somente nas Américas, ou na Europa. O seu fim é claro: paz e harmonia para todos. E quando todos o obtiverem, o fim será realizado.

*No mundo  
a Coreia ensanguentada às mãos dos homens  
fuzilamentos na Grécia e greves na Itália  
o apartheid na África  
e a azáfama nas fábricas atômicas para matar  
em massa matar cada vez mais homens*<sup>138</sup>

*Vamos com toda a Humanidade  
conquistar o nosso mundo e a nossa Paz.*<sup>139</sup>

*-Eis as nossas mãos  
abertas para a fraternidade do mundo  
pelo futuro do mundo*

---

<sup>135</sup> Cf. Leonel Cosme, O ecuménico, o dialéctico, o lírico, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, pp. 103- 104

<sup>136</sup> Excerto do poema „Saudação“ em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 72

<sup>137</sup> Excerto do poema „Sangrantes e germinantes“, *ibidem*, p. 87

<sup>138</sup> Excerto do poema „Um aniversário“, *ibidem*, p.76

<sup>139</sup> Excerto do poema „À reconquista“, *ibidem*, p. 85

*unidas na certeza  
pelo direito pela concórdia pela Paz*<sup>140</sup>

*No meu coração de exilado  
todos vós com o vigor do nosso povo  
estais ligados às manhãs dolorosas de despedida  
pelo povo  
pela humanidade  
pela paz.*<sup>141</sup>

É justamente nisso que reside a diferença crucial entre Neto e a poesia de Negritude, a literatura que glorifica as qualidades do Negro. Neto não faz diferença entre os brancos e os negros. Ele lutava para um mundo melhor. A raça para ele não tinha um papel decisivo. O inimigo não era o branco, mas todos os que apoiaram o sistema colonial, o fascismo, todos os que trataram de impor a sua dominação.<sup>142</sup> Nas palavras de Pires Laranjeira, Neto, no fundo, era um homem “anti-racista, anti-imperialista, nacionalista e multiculturalista”.<sup>143</sup> Julgar os homens pela cor da sua pele era contra todos os seus princípios. Afinal, a esposa dele era branca e portuguesa e os filhos deles mestiços. Como diz Leonel Cosme, o que os outros acharam uma fraqueza ou defeito, Neto converteu-o em força. Não somente a sua própria, mas a do movimento libertador também. Como um dos líderes do MPLA mostrou pelo seu próprio exemplo que o seu alvo principal era a descolonização e a independência do país e que o movimento em si era anti-racista.<sup>144</sup> É igualmente importante salientar que seria injusto culpar todos os brancos pelos crimes do colonialismo desse tempo porque ao lado de Neto muitos brancos angolanos também lutaram pela independência do país, como, por exemplo, José Luandino Vieira, outro famoso escritor angolano.<sup>145</sup>

A dedicação de Neto está especialmente patente nos poemas escritos durante o seu aprisionamento. Nos poemas como *Um “bouquet” de rosas para ti*, *Dois anos de distância*, *Noites de cárcere* ou *Desterro* podemos sentir o seu empenho e a sua crença absoluta:

*a derrota inadiável da ancianidade  
e o crescer do novo*

---

<sup>140</sup> Excerto do poema „Sangrantes e germinantes“, *ibidem*, p. 87

<sup>141</sup> Excerto do poema “Desterro”, *ibidem*, p.132

<sup>142</sup> Leonel Cosme, »O ecuménico«, 2014, pp. 122- 123

<sup>143</sup> Pires Laranjeira, »Novo paradigma«, 2014, p. 156

<sup>144</sup> Cf. Leonel Cosme, »O ecuménico«, 2014, pp. 122- 123

<sup>145</sup> Ebenezer Adedeji Omoteso, Neto e Senghor sobre a opressão e a exploração colonial, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda: Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 472

*em cada passo dos dias  
em cada hora dos dias  
em cada um dos teus sorrisos;*<sup>146</sup>

*cresce com mais justiça ainda  
a ânsia de sermos  
com os nossos povos  
hoje sempre e cada vez mais  
livres livres livres*<sup>147</sup>

Nenhum sacrifício era grande demais.

*Contra o dilema de hoje  
viver submisso ou perseguido  
são os nossos dias de sacrifícios  
e audácia  
pelo direito  
de viver pensando viver agindo  
livremente humanamente*<sup>148</sup>

*Ao lado  
alguém geme  
com os dedos debruados de sangue  
que escorre das unhas rebentadas pela palmatória*

*Pensa na vitória*  
...<sup>149</sup>

*- Coragem, voltaremos a encontrar- nos*<sup>150</sup>

Além da literatura que incutia coragem aos soldados e às organizações libertadoras, Iveković também salienta que as greves e protestos dos trabalhadores ajudaram muito à luta pela independência.<sup>151</sup> Esta forma da resistência era, também, encontrada nas outras colónias portuguesas. Uma dessas é descrita no poema *Massacre de São Tomé*. O poema refere uma greve que foi sufocada em sangue pelas forças coloniais. Em 1953, o decreto pelo qual todos os homens adultos da ilha deveriam submeter-se a trabalho forçado foi promulgado. Isto

---

<sup>146</sup> Excerto do poema „Um “bouquet” de rosas para ti” em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 109

<sup>147</sup> Excerto do poema „Dois anos de distância”, *ibidem*, p. 111

<sup>148</sup> Excerto do poema „Dois anos de distância”, *ibidem*, p. 111

<sup>149</sup> Excerto do poema “Noites de cárcere”, *ibidem*, pp. 115- 116

<sup>150</sup> Excerto do poema “Desterro”, *ibidem*, p. 132

<sup>151</sup> Cf. Ivan Iveković, »Afrika u transformaciji«, 1984, p. 54

provocou uma greve nas plantações são-tomenses como expressão do protesto contra essa decisão. Em resposta, as forças de Salazar mataram mais de mil pessoas no confronto que se seguiu. Mais de metade da população adulta ficou presa, explica A. M. Khazanov.<sup>152</sup> Neto reconheceu o sacrifício deles pela causa comum que era a liberdade. O poema confirma novamente a solidariedade de Neto com todos os povos oprimidos do mundo.<sup>153</sup>

*enterramos vitoriosamente os nossos mortos  
e sobre as sepulturas  
reconhecemos a razão do sacrifício dos homens  
pelo amor  
e pela harmonia  
e pela nossa liberdade  
mesmo ante a morte pela força das horas  
nas águas ensanguentadas  
mesmo nas pequenas derrotas acumuladas para a vitória<sup>154</sup>*

Neto estava consciente de que o caminho para a liberdade não seria nada fácil. Isto é evidente nos versos de *Não me peças sorrisos* e de *O caminho das estrelas*:

*e selvas desbravadas  
escondem os caminhos  
por que hei-de passar*

*Mas hei-de encontrá-los  
e segui-los  
seja qual for o preço<sup>155</sup>*

*Assim  
o caminho das estrelas  
pela curva ágil do pescoço da gazela  
para a harmonia do mundo.<sup>156</sup>*

Maria Teresa Marques e Maria Virgínia Melo concordam que o caminho do qual Neto fala nos seus poemas é precisamente a luta pela independência. Esse é o caminho que conduz à realização dos seus desejos.<sup>157</sup>

---

<sup>152</sup> Cf. A. M. Khazanov, Os verdadeiros valores culturais de Agostinho Neto, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 748.

<sup>153</sup> Fernando J. B. Martinho, «Agostinho Neto, poeta», 2014, p. 147

<sup>154</sup> Excerto do poema „Massacre de S. Tomé“ em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, pp. 90- 91

<sup>155</sup> Excerto do poema „Não me peças sorrisos“, *ibidem*, p. 71

<sup>156</sup> Excerto do poema “O caminho das estrelas”, *ibidem*, p. 83

<sup>157</sup> Cf. Maria Teresa Marques e Maria Virgínia Melo, «Agostinho Neto», 2014, p. 379

*fora dos abismos escurecidos da negação  
ao lado de ritmos de dedos congestionados  
sobre a pele envelhecida do tambor  
dentro do qual vivo e vibro e clamo:*

*AVANTE!*<sup>158</sup>

*Se o inverno é longo  
e as vozes se cansam  
é porque  
o nosso caminho é único  
– o amor.*<sup>159</sup>

A luta pela independência de Angola, invocada nos poemas *Na pele do tambor* e *Para enfeitar os teus cabelos*, começou oficialmente em 1961 e durou os catorze anos seguintes.

---

<sup>158</sup> Excerto do poema „Na pele do tambor“ em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 89

<sup>159</sup> Excerto do poema „Para enfeitar os teus cabelos“, *ibidem*, p. 143

## 8 A VOZ IGUAL

A esperança de que algum dia fossem livres era o fundamento de tudo. Isto era o objetivo final. Não é surpreendente que o livro do Agostinho Neto seja intitulado *Sagrada Esperança*. Os poemas encontrados nessa coletânea, por exemplo *Adeus à hora da largada*, ofereciam justamente isso: a esperança de um futuro melhor, de um mundo de oportunidades iguais para todos. Numerosos poemas da *Sagrada Esperança* falam não somente do passado doloroso, ou da necessidade de lutar, mas também sobre a completa convicção que um futuro melhor está ao seu alcance:

*Amanhã  
entoaremos hinos à liberdade  
quando comemorarmos  
a data da abolição desta escravatura*<sup>160</sup>

Tal como descreveu o passado, do mesmo modo Neto, nos seus poemas, descreveu o futuro desejado. Esse futuro que os esperava, depois da vitória, era um futuro de sorrisos, de igualdade, como se vê nos versos seguintes dos poemas *Não me peças sorrisos* e *A voz igual*:

*Então  
num novo catálogo  
mostrar-te-ei o meu rosto  
coroadado de ramos de palmeira*

*E terei para ti  
os sorrisos que me pedes.*<sup>161</sup>

*Do caos para o reinício do mundo  
para o começo progressivo da vida  
e entrar no concerto harmonioso do universal  
digno e livre  
povo independente com voz igual*<sup>162</sup>

Com o renascimento dos homens, também chegará a renascença da natureza. Ela era explorada do mesmo modo. Ela também sofria. As riquezas naturais eram empobrecidas para dar lucros aos colonizadores. Minas de diamantes, campos petrolíferos, campos de café e de

---

<sup>160</sup> Excerto do poema „Adeus à hora da largada”, *ibidem*, p. 36

<sup>161</sup> Excerto do poema “Não me peças sorrisos”, *ibidem*, p. 71

<sup>162</sup> Excerto do poema „A voz igual”, *ibidem*, p. 138

algodão, de palmas e de arroz- tudo era para o branco.<sup>163</sup> À rica terra angolana, à rica terra africana não era permitido alimentar o seu povo. Independência significava o fim disso também.

*Às nossas terras  
vermelhas de café  
brancas de algodão  
verdes dos milharais  
havemos de voltar*

*às nossas minas de diamantes  
ouro, cobre, de petróleo  
havemos de voltar*

*Aos nossos rios, nossos lagos  
às montanhas, às florestas  
havemos de voltar<sup>164</sup>*

Como mostram os versos do poema *Havemos de voltar* acima mencionados, com a independência, homem e natureza estarão reunidos outra vez. Nos poemas de Neto podemos encontrar vários exemplos nos quais a ideia de liberdade está relacionada com a natureza africana, por exemplo no poema *Bamako*. Urbano Tavares Rodrigues percebe que o mundo natural é descrito como um lugar disfórico, um local paradisiaco nos poemas da *Sagrada Esperança*.<sup>165</sup>

*Ali a esperança se tornou árvore  
e rio e fera e terra  
ali a esperança se vitoria amizade  
na elegância da palmeira e na pele negra dos homens<sup>166</sup>*

*As terras sentidas*, *Mãos esculturais* e *Poema* mostram que a salvação do homem será a salvação da terra:

*Elas vivem  
as terras sentidas de África*

---

<sup>163</sup> Cf. Kamia Victor De Carvalho, Luciano Chianeque and Albertina Delgado, *Inequality in Angola*, p. 43, disponível em: [http://www.osisa.org/sites/default/files/sup\\_files/chapter\\_1\\_-\\_angola.pdf](http://www.osisa.org/sites/default/files/sup_files/chapter_1_-_angola.pdf) (Acesso em 17 de Agosto de 2017)

<sup>164</sup> Excerto do poema „Havemos de voltar“, em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 130

<sup>165</sup> Urbano Tavares Rodrigues, *Metamorfose e construção: ouvindo a voz de Neto em Sagrada Esperança, A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, pp. 754- 755

<sup>166</sup> Excerto do poema „Bamako“ em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 93

*porque nós vivemos  
e somos as partículas imperecíveis  
das terras sentidas de África.*<sup>167</sup>

*a África viva  
sinto-a nas mãos esculturais dos fortes que são povo  
e rosas e pão  
e futuro.*<sup>168</sup>

*Direi simplesmente sim  
sempre sim  
à honestidade dos homens  
ao viço juvenil da sinfonia das árvores;  
ao odor inesquecível da natureza  
que apaga todos os possível cheiros amargos.*<sup>169</sup>

Neto sentia falta dessa África quando estudava na Europa como diz no poema *O verde das palmeiras da minha mocidade*:

*Trazia no sangue  
o calor humano da amizade  
o calor febril dos ritmos violentos da noite  
e o brilho verde das folhagens  
e dos olhares selvagens das avezinhas  
o ruído das torrentes  
a subitaneidade dos relâmpagos  
a terra  
e o homem.*

*Trazia no sangue  
o amor.*<sup>170</sup>

É essa a África que eles vão criar de novo, juntos, unidos. A África sorridente, como é descrita no poema *O caminho das estrelas*:

*as mãos amparando a germinação do riso  
sobre os campos da esperança*<sup>171</sup>

---

<sup>167</sup> Excerto do poema „As terras sentidas”, *ibidem*, p.142

<sup>168</sup> Excerto do poema „Mãos esculturais”, *ibidem*, p. 95

<sup>169</sup> Excerto do poema “Poema”, *ibidem*, pp. 99- 100

<sup>170</sup> Excerto do poema “O verde das palmeiras da minha mocidade”, *ibidem*, p. 106

<sup>171</sup> Excerto do poema „O caminho das estrelas”, *ibidem*, p. 82

O futuro que Neto pressagiou nos versos do poema *Noites de cárcere* chegou no ano de 1975. No dia 11 de Novembro foi justamente Agostinho Neto quem proclamou a independência do seu país.

*“Bem aventurados os que têm fome  
e sede de justiça...”*

*Porque deles será a pátria  
e o amor do seu povo.<sup>172</sup>*

---

<sup>172</sup> Excerto do poema “Noites de cárcere”, *ibidem*, p. 117

## 9 CARACTERÍSTICAS DO ESTILO

Quase todos os poemas da *Sagrada Esperança* são escritos em verso livre: assim a liberdade no emprego da pontuação gráfica, ausência de rima regular, composição gráfica dos poemas e vocabulário prosaico são algumas das características da poesia de Neto.

Um outro elemento típico da sua poesia é o ritmo que Neto usa para dar uma unidade interna formal aos seus poemas. Donald Burnes nota que na maioria dos poemas o ritmo surge da repetição das palavras ou frases.<sup>173</sup> Podemos tomar como exemplo o poema *Fogo e ritmo*:

### *FOGO E RITMO*

*Sons de grilhetas nas estradas  
cantos de pássaros  
sob a verdura húmida das florestas  
frescura na sinfonia adocicada  
dos coqueirais  
fogo  
fogo no capim  
fogo sobre o quente das chapas do Cayatte*

*Caminhos largos  
cheios de gente cheios de gente  
cheios de gente  
em êxodo de toda a parte  
caminhos largos para os horizontes fechados  
mas caminhos  
caminhos abertos por cima  
da impossibilidade dos braços.*

*Fogueiras*

*dança*

*tam - tam*

*ritmo*

*Ritmo na luz  
ritmo na cor*

---

<sup>173</sup> Donald Burnes, »Agostinho Neto e a poesia« 2014,p. 236

*ritmo no som*  
*ritmo no movimento*  
*ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços*  
*ritmo nas unhas arrancadas*  
*Mas ritmo*  
*ritmo*

*Ó vozes dolorosas de África !*<sup>174</sup>

Neste caso temos um ritmo crescente do poema que é refletido também na composição gráfica. Assim, no início do poema Neto escreve versos longos e mais lentos, mas, chegando ao final, os versos tornam-se mais curtos e alguns deles consistem numa só palavra. Russel G. Hamilton explica que o ritmo pode ser, assim, comparado com uma batida de tambores.<sup>175</sup> Isto é só um exemplo entre muitos. O que podemos ver aqui é um novo modo de revivificar as danças e o folclore africano porque o ritmo usado por Neto é precisamente esse ritmo encontrado nas canções e nas danças tradicionais executadas aos sons dos tambores, diz Nelson Cerqueira.<sup>176</sup> Dessa maneira a viveza dos povos africanos é transportada para escrita.<sup>177</sup>

Um outro modo de aproximação da sua poesia ao povo era o uso de linguagem simples. Neto escreveu poemas usando palavras simples, económicas, despojadas, quase prosaicas - as palavras conhecidas pelo povo, acha Roberto Pontes.<sup>178</sup> Pires Laranjeira e Ana T. Rocha concordam e também acrescentam que, como o Hikmet, que está mencionado no início do poema *Aqui no cárcere*, Neto também escreveu poemas abandonando a linguagem erudita em favor de um modo de escrever numa linguagem „legível e audível“. <sup>179</sup> Essa escolha não é surpreendente quando tomamos em consideração o alto nível de analfabetismo na sociedade angolana. Era necessário encontrar uma expressão que fosse entendida pelo povo a cujo levantamento Neto apelava. Porque a poesia de Neto era escrita com o fim de inspirar os homens para que lutassem por um futuro melhor e não para intelectualizar. Portanto, acha Solange Luís, os poemas dele não possuem conceitos abstratos, tão familiares nos poemas

---

<sup>174</sup> Poema „Fogo e ritmo” em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 139- 140

<sup>175</sup> Cf. Russel G. Hamilton, O som, o ritmo e o espírito de Angola, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 419

<sup>176</sup> Nelson Cerqueira, »O angolano Agostinho Neto como resposta«, 2014, p. 616

<sup>177</sup> Maria Teresa Marques e Maria Virgínia Melo, »Agostinho Neto«, 2014, p. 398

<sup>178</sup> Roberto Pontes, Alguns elementos estéticos da fala insubmissa de Agostinho Neto, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 430

<sup>179</sup> Cf. Pires Laranjeira e Ana T. Rocha, Defesa e ilustração da poética de Agostinho Neto, *ibidem*, p. 317

célebres.<sup>180</sup> Neto prefere falar sobre a realidade africana: sobre as dificuldades e a exploração e sobre o retorno da dignidade do homem africano. O modo simples de escrever era a maneira mais adequada de escrever sobre o quotidiano africano, sobre a política colonial aplicada em Angola.<sup>181</sup> Procurando revelar a verdade objetivamente, Neto renunciou ao uso de lirismos e ornamentos desnecessários. Ele preferiu o uso da linguagem da gente a quem esta poesia era dedicada. Isto estava em concordância com o papel do poeta nesse mundo: guiar o seu povo para um futuro melhor. Todavia, acrescenta Roberto Pontes, não se pode negar que os seus poemas sempre possuem uma beleza especial contida justamente no trágico, no verdadeiro, na dor, no combate, na justiça exigida.<sup>182</sup>

Graças a essas duas qualidades da poesia de Neto (o ritmo e a linguagem simples), vários poemas foram musicados, o que ajudou muito à sua difusão entre o povo. Cantados pelos guerrilheiros, os poemas de Neto, como por exemplo *Criar e Havemos de voltar*, traziam a sua mensagem de liberdade que se pode ouvir, ainda hoje, nas ruas de Angola.<sup>183</sup>

Também é importante mencionar alguns poemas da *Sagrada Esperança* que se destacam pela sua forma, pelas imagens ou pela sua sensibilidade.

O primeiro é o poema *Campos verdes*, o único soneto encontrado na coletânea. Por um lado, na opinião de Fernando J. B. Martinho a forma fixa e as rimas usadas podem ser explicadas como um tipo de „exercício de paciência“ e de disciplina num mundo cruel, de caos e desespero desse tempo.<sup>184</sup> Por outro lado, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha acham que o soneto pode ser interpretado como um gesto irónico do escritor. Isto tem sentido quando consideramos o seu entendimento da poesia: o poema deve ser „útil e eficaz“ e não somente „bonito e belo“. <sup>185</sup> Assim, explicam os autores, o soneto que no seu início fala sobre as belezas naturais:

*Os campos verdes, longas serras, ternos lagos  
estendem-se harmoniosos na terra tranquila  
onde os olhos adormecem temores vagos  
aceso mornamente sob a dura argila*<sup>186</sup>

---

<sup>180</sup> Cf. Solange Luís, *Sagrada Esperança, protesto e revolta: Agostinho Neto e a tomada de consciência no acordar da literatura angolana*, *ibidem*, p. 713

<sup>181</sup> Cf. Pires Laranjeira e Ana T. Rocha, »Defesa e ilustração da poética«, 2014, p. 317

<sup>182</sup> Roberto Pontes, »Alguns elementos estéticos«, 2014, p. 427

<sup>183</sup> Donald Burness, »Agostinho Neto e a poesia« 2014, p. 237

<sup>184</sup> Fernando J. B. Martinho, »Agostinho Neto, poeta«, 2014, p. 151

<sup>185</sup> Cf. Pires Laranjeira e Ana T. Rocha, »Defesa e ilustração da poética«, 2014, p. 330

<sup>186</sup> Excerto do poema „Campos verdes“ em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 129

poderia ser entendido como um exemplo do lirismo bucólico se não fosse pelos seguintes versos que provam o contrário:

*seca, como outrora mingou a doce esperança  
quente, imperecível como sempre o amor  
sacrificada, sangrada na lembrança  
do esforço bestial do látigo opressor.*<sup>187</sup>

Esses versos anulam o sentimento de beleza e tranquilidade encontrado na primeira estrofe.<sup>188</sup>

A ironia como figura poética é também encontrada no poema *Civilização ocidental*. Ela está presente no título do poema pois desperta no leitor algumas expectativas sobre o poema que não são realizadas. Em vez da visão habitual do mundo ocidental, temos aqui exposta uma experiência das pessoas que se encontram à margem desse mundo. Em lugar da riqueza e da prosperidade, encontramos aqui a miséria, a pobreza e a sensação de abandono.<sup>189</sup>

Segundo Donald Burness, a influência do ocidente nos poemas de Neto não é evidente somente na forma do poema *Campos verdes*, que é um soneto. O autor acha que isto também **se pode** ver nas poucas palavras usadas que provavelmente são uma „traição inconsciente“. Como primeiro exemplo disso temos o poema *Sinfonia*. A palavra „sinfonia“ é uma palavra de origem ocidental, salienta o autor. Neto usa essa palavra para dar título a um poema que fala sobre a „luta gloriosa do povo, a musica que a sua alma sente“. Burness opina que, talvez, „um título mais apropriado“ poderia ter sido usado.

O autor continua, dizendo que uma coisa semelhante aconteceu no poema *Assim clamava o esgotado*:

*Vejo a grinalda branca da sua inocência  
arrastada nas águas sobre o seu corpo  
Ofélia negra neste rio podre da escravatura  
Ela morreu  
e quem lhe fará o funeral?*

Descrevendo o trágico evento na vida de um prisioneiro, Neto compara a inocência da África com a Ofélia de Shakespeare, uma comparação talvez fácil de entender no Ocidente, mas em Angola, onde a maioria da população não tinha nem a educação básica, era uma comparação inapropriada, acha Burness.

---

<sup>187</sup> Excerto do poema “Campos verdes”, *ibidem*, p. 129

<sup>188</sup> Cf. Pires Laranjeira e Ana T. Rocha, »Defesa e ilustração da poética«, 2014, p. 329

<sup>189</sup> Cf. Tania Macêdo, Uma poesia engajada: Agostinho Neto, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 285

Também destaca que a escolha de português como a língua em que escreve os seus poemas deve ser observada nesse sentido. Estudando na Europa e falando português desde a sua infância, Neto conhecia a língua portuguesa muito melhor do que o kimbundu, a língua nacional angolana. O mesmo aconteceu com os outros intelectuais angolanos educados na Europa.<sup>190</sup> Mesmo assim, os seus poemas contêm frases em kimbundu, presentes, por exemplo, no poema *Mussunda amigo* que servem para criar um ambiente africano que corresponde ao contexto do tempo em que foram escritos e aos leitores para os quais eram escritos.<sup>191</sup>

*No meu caminho  
e no teu caminho  
os corações batem ritmos  
de noites fogueirentas  
ao pés dançam sobre palcos  
de místicas tropicais  
Os sons não se apagam dos ouvidos*

*O ió Kalunga ua um bangele...*

*Nós somos.*<sup>192</sup>

Outra exceção são os poemas dedicados à Maria Eugénia nos quais Neto mostra o seu lado lírico que está ausente nos outros poemas. Como exemplo temos os versos de *Poema*<sup>193</sup>:

*Sonharei.  
Sonharei com os olhos do amor  
encarnados nas tuas maravilhosas mãos  
de suavidade e ternura.  
Sonharei com aqueles dias de que falavas  
quando te referias à primavera;  
sonharei contigo  
e com o prazer de beber gotas de orvalho  
na relva  
deitado ao teu lado,  
ao sol – uma praia furiosa lá ao longe.*<sup>194</sup>

---

<sup>190</sup> Cf. Donald Burness, «Agostinho Neto e a poesia» 2014, p. 236

<sup>191</sup> Cf. Donald Burness, «Agostinho Neto e a poesia», 2014, p. 235

<sup>192</sup> Excerto do poema „Mussunda amigo“ em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, pp. 80-81

<sup>193</sup> Donald Burness, «Agostinho Neto e a poesia», 2014, p. 236

<sup>194</sup> Excerto do poema „Poema” em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 99

Na opinião de Burness, este tipo de poemas está pouco presente na poesia de Neto porque o amor individual era „um luxo“ nesses tempos. Assim, na maioria dos casos ele escreve sobre o amor que sente pelo seu povo e pelo seu país.<sup>195</sup>

Por fim, uma outra característica da poesia de Neto deve também ser mencionada, e trata-se do tom optimístico da sua poesia. O objetivo de Neto não é a vingança nem o ódio. O que Neto quer é a justiça e isto é uma coisa positiva, acham Maria Teresa Marques e Maria Virgínia Melo, tal como a esperança oferecida nos seus poemas.<sup>196</sup>

Como o próprio Neto diz no *Poema*:

„Direi sim / em qualquer poema.“<sup>197</sup>

---

<sup>195</sup> Cf. Donald Burness, »Agostinho Neto e a poesia« 2014, p. 236

<sup>196</sup> Maria Teresa Marques e Maria Virgínia Melo, »Agostinho Neto«, 2014, p. 402

<sup>197</sup> Excerto do poema “Poema” em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 100

## 10 LITERATURA DE COMBATE E VALORIZAÇÃO

Os poemas da „Sagrada Esperança“ pertencem ao que Franz Fanon chama literatura de combate.

*„The crystallisation of the national consciousness will both disrupt literary styles and themes, and also create a completely new public. While at the beginning the native intellectual used to produce his work to be read exclusively by the oppressor, whether with the intention of charming him or of denouncing him through ethnical or subjectivist means, now the native writer progressively takes on the habit of addressing his own people.*

*It is only from that moment that we can speak of a national literature. Here there is, at the level of literary creation, the taking up and clarification of themes which are typically nationalist. This may be properly called a literature of combat, in the sense that it calls on the whole people to fight for their existence as a nation. It is a literature of combat, because it moulds the national consciousness, giving it form and contours and flinging open before it new and boundless horizons; it is a literature of combat because it assumes responsibility, and because it is the will to liberty expressed in terms of time and space.“<sup>198</sup>*

As palavras ditas em 1959 no congresso dos Escritores Negros Africanos podem ser aplicadas em completo à poesia do Neto. Os seus poemas foram escritos num período crucial da história angolana, quando a consciência dos angolanos começou a despertar e quando a ideia de luta pela independência do país estava a ser desenvolvida.

Agostinho Neto usou os poemas como uma arma. Revelando a verdade sobre o devastador sistema que era o colonialismo, ele ajudou à sua derrota. Os seus poemas despertavam consciências, deram esperança ao povo angolano e ajudaram a aceitar de novo as tradições esquecidas. Escrevendo para o povo, Neto usava uma linguagem simples e fácil de entender. E não só isso. Justamente os membros do seu povo, que sofreram durante anos, foram escolhidos como personagens principais nesses poemas. Escrevendo sobre o quotidiano, sobre o „normal“, Neto tratava os problemas reais do seu país e do seu continente. Assim nos seus poemas lemos sobre cenas típicas, facilmente encontradas nas ruas angolanas, como por exemplo as cenas de *Sábado nos musseques*. Diferentemente da Negritude, a opinião de Neto

---

<sup>198</sup> Frantz Fanon, Reciprocal Bases of National Culture and the Fight for Freedom, Speech by Frantz Fanon at the Congress of Black African Writers, 1959, Wretched of the Earth. Disponível em <https://www.marxists.org/subject/africa/fanon/national-culture.htm> (Acesso em: 31 de Agosto de 2017)

era que os escritores deveriam escrever sobre a realidade social do povo tratado na sua poesia. A poesia deve sair do povo, da sua realidade, ser enraizada nele e na sua cultura.<sup>199</sup> De acordo com esta opinião, Neto escrevia sobre o povo sem idealismos, nem idealizava a raça negra. Mesmo nos casos nos que reconhecemos este tipo de tentação nos seus poemas, trata-se duma „tentação momentânea“, como exemplificado no poema *A voz igual*, observa Manuel Simões.<sup>200</sup> Um mundo de harmonia, de paz para todos, onde todos sejam iguais - esta é a visão dele.

Mostrando o mundo real, os seus poemas podem até ser vistos como uma espécie de documento histórico, opina Pires Laranjera. Eles são um testemunho das dores e medos, das aspirações e desejos dum povo e do processo de criação duma nação.<sup>201</sup>

A ligação dele com o povo é evidente, não só nas cenas escolhidas que mostram o seu conhecimento da verdadeira realidade angolana, mas também no uso do pronome „nós“ nos seus versos, como nos poemas *Mussunda amigo* e *Adeus à hora da largada*:

*Mas no espírito e na inteligência  
nós somos!*

*Nós somos  
Mussunda amigo  
Nós somos*

*Inseparáveis  
e caminhando ainda para o nosso sonho<sup>202</sup>*

*Amanhã  
entoaremos hinos à liberdade  
quando comemorarmos  
a data da abolição desta escravatura*

*Nós vamos em busca de luz  
os teus filhos Mãe  
(todas as mães negras  
cujos filhos partiram)  
vão em busca de vida.<sup>203</sup>*

---

<sup>199</sup> Cf. Fernando J. B. Martinho, »Agostinho Neto, poeta«, 2014, pp. 143- 146

<sup>200</sup> Manuel Simões, »Agostinho Neto: a poética de esperança«, 2014, p. 179

<sup>201</sup> Cf. Pires Laranjera, A poesia de Agostinho Neto como documento histórico, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjera e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 164

<sup>202</sup> Excerto do poema “Mussunda amigo” em *Sagrada Esperança: Poemas*, 1979, p. 80

Quando escreve sobre a luta, as dores e temores, o quotidiano, Neto escreve sobre a sua luta, a sua dor e temores, o seu quotidiano. A sua consciência é enraizada na consciência coletiva do seu povo.<sup>204</sup> A personagem principal desses poemas é precisamente esse povo e Agostinho Neto é o seu porta-voz e o seu líder. Segundo Patrick Chabal, a maior confirmação disso é o facto de os seus últimos poemas datarem de 1960, em vésperas da luta armada.<sup>205</sup>

Apesar de muitas vezes julgados como poemas de menor valor estético e literário, os poemas de Neto merecem o nosso respeito e admiração. Como explicado no texto *Defesa e ilustração da poética de Agostinho Neto*, escrito por Pires Laranjeira e Ana T. Rocha, a poesia engajada (à qual pertence também a poesia de protesto e a poesia de combate) é muitas vezes desvalorizada pelos críticos literários. Ao contrário duma poesia lírica, a poesia engajada não trata os temas „intimistas, subjetivos ou sentimentais“ (como, por exemplo, o amor, a tristeza ou a alegria), mas os „temas políticos, sociais e ideológicos“. A partir daqui podemos concluir qual é a importância do contexto histórico nesse tipo de poesia - ela forma a parte fundamental dessa poesia. Enquanto na poesia lírica os temas correspondem ao sujeito, na poesia engajada os temas são em correspondência com o coletivo que é o *sujeito receptor* das mensagens incorporadas nos poemas, do qual o sujeito poético forma parte integrante. O intuito destes poemas é que o coletivo compreenda estas mensagens, como é o caso na poesia de Neto. É precisamente por isso que a linguagem destes poemas é simples e clara, deixando assim uma „estética herdeira do belo clássico“ de lado. O seu primeiro desejo é a comunicação, a denúncia. Não são usadas metáforas, nem outros recursos expressivos semelhantes que poderiam criar um tipo de ambiguidade. Para intensificar as mensagens do texto poético o ritmo, que pode ser acelerado ou eufórico, e o tom, por exemplo dramático ou irónico, são também usados.<sup>206</sup> Tudo isto encontramos nos poemas da *Sagrada Esperança*.

Janet Elizabeth Carter explica que, como diz o próprio nome, a poesia de protesto tem como fim mudar as condições sociais, políticas ou outras numa sociedade, assim como Neto usou a sua para conseguir a libertação do seu país e do seu povo<sup>207</sup>. Poder-se-ia dizer que depois da desejada mudança, este tipo de poesia perde a sua *raison d'être* que é a sua utilidade prática, ou seja o seu „pretexto revolucionário“. Mas se isto for verdade, então a única conclusão seria que essa poesia, após a desejada mudança, só possuía valor histórico e nenhum valor literário.

---

<sup>203</sup> Excerto do poema “Adeus à hora da largada”, *ibidem*, p. 36

<sup>204</sup> Cf. Luís Kandjimbo, »Agostinho Neto (1940-1960): os itinerários«, 2014, p. 47

<sup>205</sup> Cf. Patrick Chabal, »O contexto político e cultural«, 2014, p. 67.

<sup>206</sup> Cf. Pires Laranjeira e Ana T. Rocha, »Defesa e ilustração da poética«, 2014, pp. 316-17

<sup>207</sup> Janet Elizabeth Carter, »O patriota como poeta« 2014, pp. 348-9

Mas para Janet Elizabeth Carter a presença ou ausência dum motivo político não deveria ser suficiente para classificar um poema “bom” ou “mal”. Como o autor dum texto desse tipo era um artista, ele usou o seu talento para escrever este texto e colocou „o seu talento ao serviço dum causa“.<sup>208</sup> O mesmo podemos dizer sobre Agostinho Neto. Além disso, se olharmos os poemas de Neto num contexto histórico, que é, como já foi mencionado, a sua parte fundamental, podemos ver que os poemas eram escritos em consonância com o significado da modernidade na Angola desse tempo. A modernidade era identificada, como escreve Odil José de Oliveira Filho, com a libertação do colonizador. Era preciso redimir a cultura e a vida do povo angolano, que era precisamente o que Neto pretendia com a sua poesia.<sup>209</sup> Voltando ao que dizem Pires Laranjeira e Ana T. Rocha, os poemas de Agostinho Neto são profundamente políticos, mas, ao mesmo tempo, são profundamente humanos e tocantes, alcançando „uma beleza diferente“,<sup>210</sup> promovendo um mundo que deveria sempre, não obstante o tempo ou a situação, ser o nosso propósito.

---

<sup>208</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 348-9

<sup>209</sup> Cf. Odil José de Oliveira Filho, »Sagrada esperança«: estética e modernidade em Agostinho Neto, *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda, Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014, p. 338

<sup>210</sup> Pires Laranjeira e Ana T. Rocha, »Defesa e ilustração da poética«, 2014, p. 317

## 11 CONCLUSÃO

Os poemas da *Sagrada Esperança* escritos entre 1945 e 1960 registam um período crucial na história de Angola: a época da formação da nacionalidade angolana.

Nos seus poemas Agostinho Neto revela os sofrimentos do seu povo. Usando poesia, ele conta sobre a violência sofrida sob o sistema colonial sem nenhum tipo de embelezamento. Os seus poemas ofereciam um modo de agir e de falar sobre os desejos do povo angolano e problemas presentes em Angola num tempo em que era proibido falar publicamente sobre isso, bem como formar organizações políticas nacionalistas. Deste modo os poemas de Neto ajudaram, não só a derrota do colonialismo, mas também ajudaram a desenvolver o sentido de valor nos corações dos angolanos, glorificando a cultura e as tradições angolanas e africanas.

O objetivo deste trabalho era determinar quais eram os modos que Neto usou para representar o período do colonialismo e a resistência ao colonialismo seguidos nos poemas da *Sagrada Esperança*. Como foi mostrado, Neto usou exemplos do próprio passado angolano para ilustrar o período colonial e os seus efeitos na sociedade angolana. Contando sobre o passado colonial, Neto optou por escrever sobre os destinos dos homens angolanos. Os exemplos e personagens encontrados nos seus poemas são baseados na própria realidade angolana, como, por exemplo, o velho negro vendido como escravo, as crianças nuas que não receberam educação, o Manuel, um dos numerosos contratados, a quitandeira trabalhando para pagar o imposto ou o pai encarcerado e separado da sua família. Os exemplos encontrados nos poemas da *Sagrada Esperança* são reais, baseados na própria vida, e isto é a sua força maior: a sua expressividade reside na sua autenticidade. Neto tinha a capacidade de comover os leitores com a verdade. Praticamente ninguém pode ler a sua poesia sem sentir o desejo de ajudar, de lutar com ele, de chorar com ele, de sentir os sofrimentos descritos. Ainda assim, para facilitar a compreensão dos poemas ainda mais, os acontecimentos referidos nos poemas que formaram a história de Angola são brevemente explicados neste trabalho. A mesma expressividade é encontrada nos poucos símbolos usados nos seus poemas, por exemplo: a chuva, o acumular das nuvens, o amanhecer vital, o fogo. As expressões e palavras relacionadas com forças e mudanças naturais são agora usadas como símbolos da revolução necessária. A força para fazer a mudança fundamental na sociedade angolana é também encontrada no passado: nos personagens históricos e nas tradições angolanas. Os símbolos são também usados para representar um futuro melhor. A luz, os sorrisos, as cores, a ressurreição

da semente e o erguer da planta – todos podem ser relacionados com a vida melhor que se espera obter mais adiante. O tom energético e vibrante usado nas exclamações também adiciona ao incitamento encontrado nas imagens usadas nos poemas. O mesmo pode ser dito para o ritmo que é mais um elemento usado por Neto para despertar o seu povo e fazê-lo reagir.

Contando transparentemente sobre o passado escravo e os efeitos desse passado no presente, Neto ajudou a desmascarar as mentiras contadas pelos colonizadores. O povo angolano finalmente começou a ver-se como igual, como importante. Devido a esse novo sentido, os angolanos começaram sonhar com a liberdade, um sonho reforçado pelos versos inspiradores do Neto, nos quais ele chama à luta o seu povo, à luta pela independência e por um futuro melhor no qual todos os homens seriam iguais. Por isso mesmo, a literatura de Neto pode ser vista como uma arma usada na luta contra o sistema colonial dessa época, pertencendo assim à literatura engajada, mais especificamente à literatura de protesto ou de combate, mas também pode ser vista como um documento histórico no qual a formação da nação angolana é descrita. Escrevendo os seus poemas usando uma linguagem simples Neto tocou os corações do seu povo. Assim, esta simplicidade das palavras usadas não é um sinal do seu talento inferior, mas a indicação do seu conhecimento profundo do seu povo, em que a maioria era analfabeta, da situação política e social angolana e da sua capacidade de escrever versos tocantes e humanos, mesmo com palavras que poderiam ser consideradas prosaicas. Usando a linguagem simples do seu povo e falando sobre os seus medos e desejos, Neto converteu-se num porta-voz do seu povo. No mesmo sentido deve ser visto o uso do ritmo nos seus poemas: o ritmo usado por Neto não somente reflecte o ritmo tradicional do seu povo, revivificando desse modo as tradições angolanas, mas também dá ênfase às mensagens contidas nos seus poemas. Graças a esses elementos, a linguagem simples e o ritmo, os poemas do Neto eram facilmente memorizados e transportados pelo povo, e sendo alguns deles musicados, restaram assim presentes na sociedade angolana até hoje.

Estes poemas, particularmente aqueles escritos na prisão, são a prova da dedicação maior do seu autor na luta pela independência da sua pátria.

## 12 SAŽETAK

Zbirka pjesama *Sagrada Esperança* Agostinha Neta, jednog od najvažnijih i najpoznatijih pisaca angolske književnosti, sadrži pedeset i jednu pjesmu, nastalu između 1945. i 1960. godine. Vrijeme u kojemu ove pjesme nastaju period je stvaranja angolske nacionalne svijesti u kojemu je i sam Agostinho Neto imao značajnu ulogu. Još od studija aktivan u političkoj borbi za nezavisnost svoje domovine, koja je do 1975. godine još uvijek službeno pripadala Portugalu kao jedna od njegovih kolonija (to jest prekomorskih provincija), Neto je svoja nastojanja prenio i u svoje pjesme. Opisujući u pjesmama zbirke *Sagrada Esperança* nedaće, probleme i nepravde s kojima su se još od doba kolonizacije susretali njegov narod, ali i Afrikanci uopće, potpomogao je razotkrivanju pravoga lica kolonijalizma koje je u to doba još uvijek bilo nedovoljno poznato. Temeljeći svoje pjesme na stvarnosti svojega naroda, Neto donosi slike i opise okrutnosti i problema s kojima se njegov narod suočavao još od daleke prošlosti: ropstvo, izrabljivanje, mučenja, nepismenost, alkoholizam, prostitucija, siromaštvo, glad. Iznoseći tako probleme svojega naroda, Netove su pjesme postale bitnim dijelom revolucije – njegove pjesme bile su oružje kojim je Neto, ne samo otkrio teške uvjete s kojima se suočavao njegov narod, nego i pružio snagu svojem narodu i inspiraciju da se bori za ono što mu pripada: za svoju slobodu i za slobodu svoje zemlje. Upravo je to bio cilj kojemu se težilo, cilj prisutan u svakoj pjesmi ove zbirke.

Pišući jednostavno, jezikom svakodnevice, Neto piše o svojem narodu i za svoj narod. Jer pjesme koje je pisao nisu bile namijenjene samo svijetu, one su bile namijenjene samim Angolcima, te ostalim afričkim narodima, koji su uslijed godina kolonizacije i zatiranja i negiranja vlastitoga identiteta i kulture „zaboravili tko su“. Upravo zato bira takav jezik, razumljiv svima, još jednom potvrđujući svoje poznavanje vlastitoga naroda i problema s kojima se on suočava, među kojima je svakako bila i visoka nepismenost. U istom kontekstu možemo sagledati i uvijek prisutan ritam njegovih pjesama, koji je bio još jedan način podsjećanja na vlastite afričke korijene: to je ritam prisutan u tradicionalnoj glazbi i usmenoj poeziji. Ta dva elementa, jednostavnost jezika i ritam, bili su upravo ključni u širenju Netove pisane riječi. Naime, brojne su Netove pjesme bile uglazbljene, što je uvelike pomoglo njihovu prenošenju među ljudima. Neke od njih mogu se tako čuti na ulicama Angole i dan danas.

*Sagrada Esperança* jedno je od najvažnijih djela ne samo Agostinha Neta, već i cijele angolske književnosti. Njenoj vrijednosti samo pridonosi činjenica da je njen autor ujedno bio i prvi predsjednik nezavisne Republike Angole.

Cilj ovoga diplomskog rada bio je upravo istražiti na koje je točno načine Agostinho Neto prikazao razdoblje kolonijalizma i revolucije koja je uslijedila u pjesmama zbirke *Sagrada Esperança*.

### 13 BIBLIOGRAFIA E SITOGRAFIA

- *A Noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (organizadores), Luanda: Fundação Dr. Agostinho Neto, Março de 2014
- Agostinho Neto, *Sagrada Esperança: Poemas*, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 9.ª edição, 1979
- Antonio Agostinho Neto, *Očiju bez suza*, Kultura, Beograd, 1968
- Ivan Iveković, *Afrika u transformaciji: antikolonijalna i socijalna revolucija u bivšim portugalskim kolonijama*, Centar CK SKH za idejno-teorijski rad "Vladimir Bakarić" u suradnji sa ČGP DELO, OOUR GLOBUS, Zagreb, 1984
- Nikica Talan, *Uvod u afričke književnosti portugalskog jezičnog izraza*, Leykam international d.o.o., Zagreb, 2015
- Solange Luís, Agostinho Neto's Sacred Hope: protest and revolt- the makings of a national culture, *Santa Barbara Portuguese Studies. Vol. 10 - As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (English and Spanish Edition)*, João Camilo dos Santos, Center for Portuguese Studies, Santa Barbara, 2008, pp. 105 - 110
- „AGOSTINHO NETO E A GERAÇÃO LITERÁRIA DE 40\* Continuação“ (\*Capítulo do livro MÁRIO PINTO DE ANDRADE: um intelectual na política, coord. Inocência; Mata e Laura Padilha, Lisboa, edições colibri, 2000, pp.53-70), disponível em: [http://www.nexus.ao/kandjimbo/pdfs/Neto\\_geracao\\_de40\\_continuacao.pdf](http://www.nexus.ao/kandjimbo/pdfs/Neto_geracao_de40_continuacao.pdf) (Acesso em: 20 de outubro de 2017)
- Amanda Palomo Alves, *Angola: musicalidade, política e anticolonialismo (1950 - 1980)*, Revista Tempo e Argumento, disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180305102013373/2877> (Acesso em: 15 de Agosto em 2017)
- Ana Cristina Moura Alves de Moraes, „*O Mar Sob O Ponto de Vista de Agostinho Neto no Conto »Náusea«*“ União dos Escritores Angolanos, disponível em: <https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/229-o-mar-sob-o-ponto-de-vista-de-agostinho-neto-no-conto-n%C3%A1usea> (Acesso em: 22 de outubro de 2017)
- Ana T. Rocha, *Náusea, de Agostinho Neto*, Fundação Dr. António Agostinho Neto,

disponível em:

[http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=53&tmpl=component&format=raw&Itemid=242](http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=53&tmpl=component&format=raw&Itemid=242) (Acesso em: 22 de outubro de 2017)

- Anabela Cunha, “*Processo dos 50*”: *memórias da luta clandestina pela independência de Angola*, disponível em: <https://ras.revues.org/543> (Acesso em: 9 de Agosto de 2017)
- António Agostinho Neto, União dos Escritores Angolanos, disponível em: <https://www.ueangola.com/bio-quem/item/746-ant%C3%B3nio-agostinho-neto> (Acesso em: 20 de outubro de 2017)
- *Biografia de Agostinho Neto*, Fundação Dr. António Agostinho Neto, disponível em: [http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=766&Itemid=230](http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=766&Itemid=230) (Acesso em: 20 de outubro de 2017)
- *Decreto 9 de Novembro de 1899, aprova o novo regulamento do trabalho*, disponível em: <http://www.fd.unl.pt/anexos/investigacao/1427.pdf> (Acesso em 19 de Agosto de 2017)
- Frantz Fanon, Reciprocal Bases of National Culture and the Fight for Freedom, Speech by Frantz Fanon at the Congress of Black African Writers, 1959, Wretched of the Earth. Disponível em <https://www.marxists.org/subject/africa/fanon/national-culture.htm> (Acesso em: 31 de Agosto de 2017)
- Kamia Victor De Carvalho, Luciano Chianeque and Albertina Delgado, *Inequality in Angola*, disponível em: [http://www.osisa.org/sites/default/files/sup\\_files/chapter\\_1\\_-\\_angola.pdf](http://www.osisa.org/sites/default/files/sup_files/chapter_1_-_angola.pdf) (Acesso em 17 de Agosto de 2017)
- Luis Kandjimbo, *Agostinho Neto: formação e ideário de um intelectual orgânico africano*, *Cultura Jornal Angolano de Artes e Letras*, 5 de Setembro de 2012, disponível em: <http://jornalcultura.sapo.ao/eco-de-angola/agostinho-neto-formacao-e-ideario-de-um-intelectual-organico-africano?page=0&area=text> (Acesso em: 23 de outubro de 2017)
- „mulemba“ in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-09-09 23:37:10]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mulemba>

